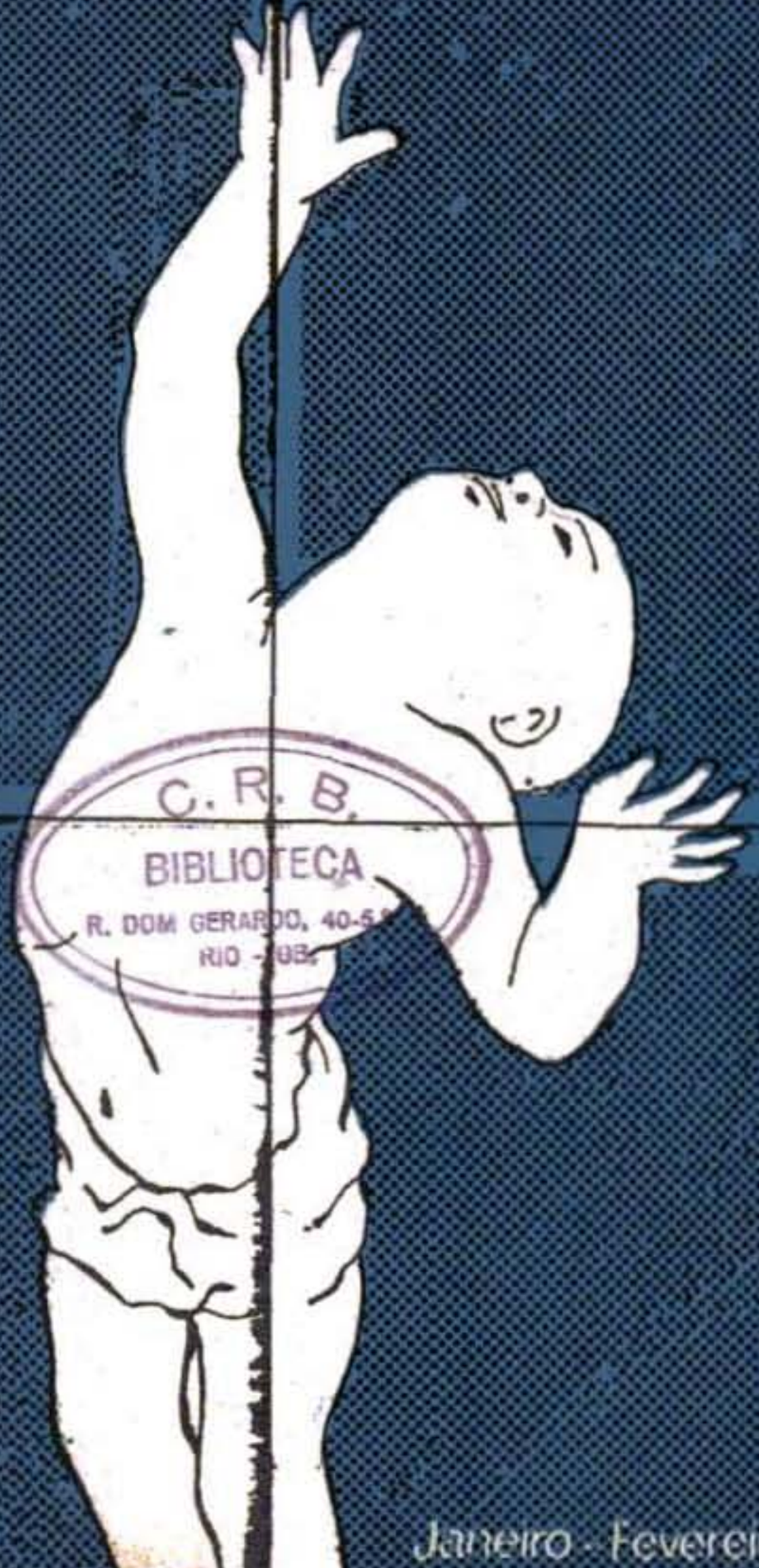
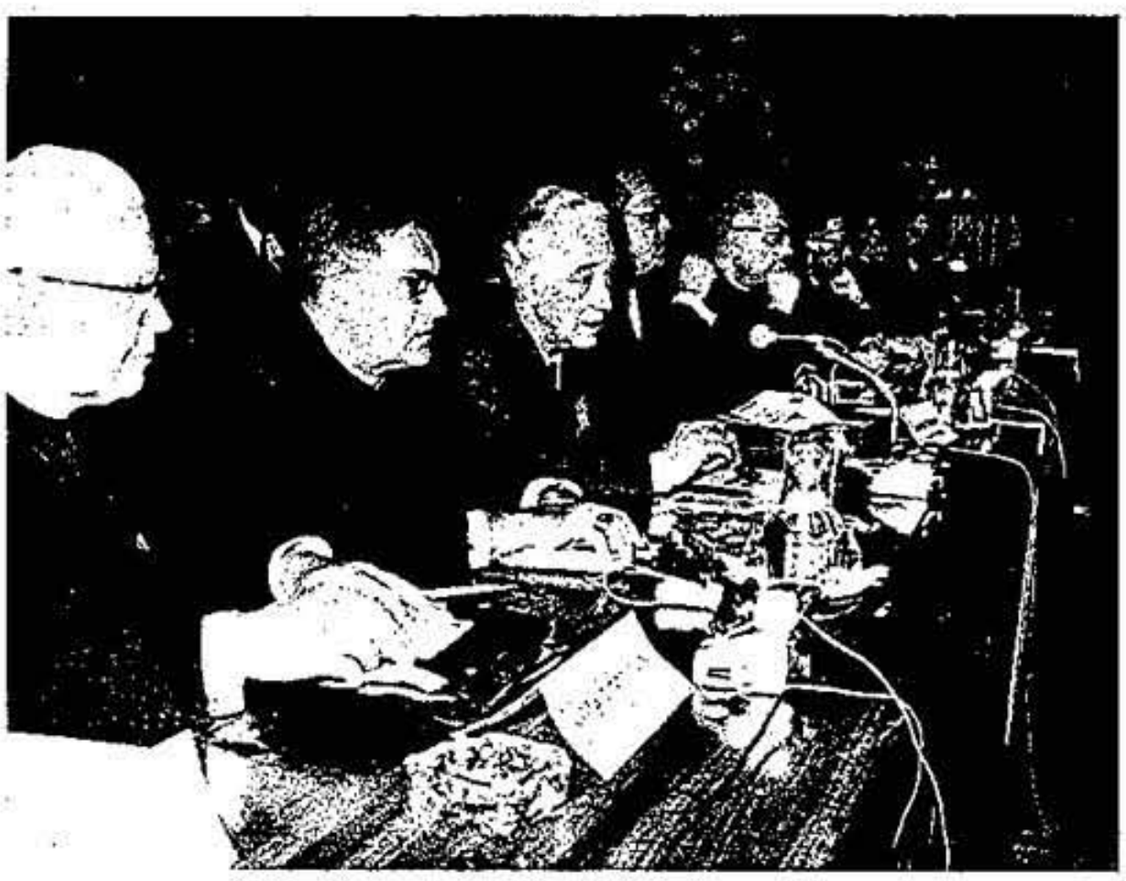
CONVERGÊNCIA



C. R. B.
BIBLIOTECA
R. DOM GERARDO, 40-5
RIO -

Janeiro - Fevereiro 1969 - Ano II - Nº 11



Sob o tema "uma imprensa que muda num mundo que muda", 550 jornalistas de 46 países reuniram-se o ano passado no Palácio dos Congressos de Berlim Ocidental para o VIII Congresso Mundial da União Católica Internacional de Imprensa (UCIP)

CONVERGÊNCIA ANO 2

Coerentes com a linha fundamental de CONVERGÊNCIA, fizemos uma autocrítica de nosso trabalho durante o primeiro ano de vida. E para que ela fôsse profunda e objetiva, pedimos inclusive a colaboração de nossos leitores. Assim, no mês de setembro do ano passado, elaboramos e enviamos um extenso questionário que permitia auscultar a receptividade, a resistência, as restrições, o aplauso, a reprovação, a expectativa e as aspirações daqueles que tiveram a oportunidade de acompanhar a nossa revista.

As numerosas respostas que recebemos, tôdas acolhidas com respeito e lidas com atenção, permitem agora chegarmos a conclusões que, não obstante suas grandes divergências, devem ser consideradas sèriamente no limiar dêste segundo ano de vida. Até o momento verificamos que a maioria dos leitores aprova a orientação adotada por CONVERGÊNCIA. Alguns dentre êles, porém, fazem restrições a tal ou qual seção ou artigo. Outros, e são também numerosos, transmitem suas observações valiosas. Preocupada em não frustrar a expectativa de seus leitores, a equipe de redação e de direção procurou rever as opções de CONVERGÊNCIA.

O enfoque mais explícito da vida religiosa no mundo moderno constitui uma tônica geral. Esperamos poder divulgar as reflexões e as experiências em tôrno dêste assunto que interessa de perto aos leitores. Existe efetivamente no Brasil um material abundante e rico, porém inexplorado ainda.

Além disso, CONVERGÊNCIA espera veicular mais as soluções concretas dos problemas. A análise crítica, não sendo acompanhada de alternativas de solução, gera angústia. Angústia pede resposta. CONVERGÊNCIA poderá positivamente concentrar maiores esforços na análise dos fatos e na proposição de alternativas.

A divulgação dos acontecimentos mais marcantes da vida da igreja

A sociedade pluralística hodierna "tem necessidade da ajuda permanente e coerente de uma imprensa católica, êste fôro do diálogo interno da Igreja, do diálogo da Igreja com o Mundo e os Cristãos no mundo, a fim de que o seu diálogo se realize a serviço d e tudo quanto existe de melhor no Homem e se abra à plenitude proposta por Cristo, pelo seu Evangelho e pela sua Igreja"

Em sua mensagem aos Congressistas da UCIP, no ano passado, Paulo VI fêz suas estas palavras de Émile Gabel

no Brasil também deverá se aproximar daquele ideal que a revista se propôs desde o início. A realidade da igreja não se restringe a algumas grandes cidades. O interior de Minas, Paraná, Bahia, Pará, Amazonas tem aspectos tão decisivos para a história que merecem uma atenção igual à que se presta aos acontecimentos que ocorrem no Rio ou em São Paulo. E sem dúvida, aquela faixa da igreja presente na realidade tem uma grande contribuição a dar.

Contudo, a linha fundamental de CONVERGÊNCIA constitui uma fidelidade à igreja e aos "sinais dos tempos". Órgão de opinião pública, no interior da igreja, CONVERGÊNCIA deverá aceitar as regras do jôgo próprias de todo o instrumento de comunicação: fidelidade à verdade, consciência do desígnio de Deus e responsabilidade perante o bem comum marcam a dinâmica da liberdade de expressão. Para fazer-se respeitar, a revista não pode abdicar destas prerrogativas.

Elegemos uma faixa muito nítida no conjunto das revistas católicas do Brasil: o comentário dos fatos da história contemporânea da igreja. Não é nosso campo a alta especulação, nem a especialização científica. CONVERGÊNCIA quer preencher a lacuna no campo da informação analisada e objetiva a respeito dos fatos atuais. Nosso público são os religiosos e os cristãos que desejam acompanhar os acontecimentos por dentro e entendê-los à luz da fé.

Não faltou quem desejasse que CONVERGÊNCIA restringisse sua área de atenção aos fatos de caráter puramente religioso. Todavia, seria funesto esquecer que não existem compartimentos estanques dentro do povo de Deus. Não podemos esquecer que interessa à igreja e, ao religioso em particular, sejam abordados temas relativos à vida espiritual tanto quanto à ação pastoral. Educadores, enfermeiros, párocos, professôres, jornalistas... que são a maioria dos religiosos, estão mergulhados no mundo moderno, envolvidos pela sua tumultuação. Importa-lhes, pois, que sua fé descubra a presença de Deus no meio dêste mundo e dela dêem testemunho. CONVERGÊNCIA pretende ser um instrumento que leve o religioso e o cristão a descobrir a ação de Deus nos acontecimentos da vida cotidiana. Será esta a nossa forma concreta de alertar para a história da salvação que acontece hoje, aqui e ali, sob os nossos olhos distraídos. Esta, a forma concreta de contribuir para que a encarnação se prolongue através do religioso e do leigo que agem inspirados pela fé.

Foi sôbre tudo isso que meditamos em equipe junto ao presépio do Verbo Encarnado. É nessa meditação que nos inspiramos para enfrentar o segundo ano de CONVERGÊNCIA.

DE NOSSOS LEITORES

Meio têrmo

Sair da unilateralidade horizontal e procurar equilíbrio entre linha vertical e horizontal. A revista acentua fortemente os problemas sociais e as atualidades diríamos profanas da Igreja. Estou de acôrdo, mas não se deve esquecer as coisas velhas que sempre são novas: valor da oração e meditação. A revista deveria procurar mais equilíbrio entre ACTIO e CONTEMPLATIO entre as linhas horizontais e verticais. Deveria procurar mais a harmonia entre o mundo de Deus e o mundo em que vivemos. Harmonia entre natureza e graça. Ela é por demais unilateral.

Escola Profissional do Inst. dos Irmãos de Maria
Caixa 70
Santa Maria

Cem por cento

A revista, a meu ver, está cem por cento. Minha sugestão é dizer-lhes que jamais deveriam atender à tentação de suprimi-la. Continue a revista assim, como ela está, seguindo a mesma orientação. Melhoras sempre deverão ser efetuadas porque decorrentes das experiências novas que a cada passo nos oferecem para que delas tiremos proveito.

Ir. Maria Amantina Deganfredo
Caixa 117
Caxias do Sul — RGS

Para frente

Que continue sempre a abrir os olhos.

Casa Provincial
rua João Pessoa, 70
Itajaí — SC

Experiências

O número agôsto-setembro é sumamente útil e atual. Gostaria de vez em quando que se apresentassem orientações para vida comunitária e vida de oração e experiências válidas que foram coroadas de êxito em qualquer comunidade e quem sabe, — alguma vez, o fracasso de alguma experiência com indicação da razão do fracasso.

Pe. Tiago Leijen
Congr. dos Sagr. Corações
rua Riachuelo, 1250
Belo Horizonte — MG

PONTO DE ENCONTRO

O cristão que esquece a mensagem do Cristo, inutiliza gestos, palavras e trabalho...
Mas também se reduz a nada, o cristão que se gaba da mensagem cristã, desvinculando-se do mundo, desvinculando-se da vida e dos problemas humanos.
Os religiosos, por sua vez, não devem engajar-se no mundo sem transmitir uma mensagem. Mas também não podem transmitir mensagem alguma sem o engajamento concreto.

Uma das características da última Assembléia Geral da CRB foi a grande abertura para a opinião pública acêrca de tudo o que estava sendo discutido e resolvido. A imprensa pôde assim ocupar-se largamente do acontecimento. Interrogando-nos sôbre o porquê dêste interêsse jornalístico, poderíamos apontar a organização de um serviço de contato entre a Assembléia e os representantes da imprensa. Mas esta resposta nos faria cair num círculo vicioso porquanto explica a abertura por uma das suas concretizações. Uma conclusão mais satisfatória seria a seguinte: o mundo interessou-se pelo movimento dos religiosos porque êstes interessaram-se pelo mundo.

Um problema nada acadêmico

Os religiosos interessam-se pelo mundo. O documento aprovado pela mesma Assembléia Geral o confirma intitulando seu primeiro capítulo: Vida religiosa — missão no mundo. Procura-se chegar a uma definição da vida religiosa a partir do homem e do mundo de hoje, e não a partir de elementos considerados inerentes à vida religiosa: consagração, votos, vida comunitária...

A nova linha parece-nos proposital, não apenas de ordem metodológica, mas de opção teológica. A **novidade** não escapou à atenção das pessoas e dos grupos de reflexão que tomaram conhecimento do roteiro e das primeiras redações do texto. As reações não foram unânimes. Os têrmos de **naturalismo** e **horizontalismo** manifestavam uma real preocupação. Não é a vida

religiosa, antes de tudo, uma questão teológica? Ela existe porque Deus existe. Deus que se revelou em Jesus Cristo. Reduzir a teologia da vida religiosa a uma antropologia e a uma sociologia seria assinar a sentença de morte da própria vida religiosa.

O documento **A Vida Religiosa no Brasil de Hoje** é um documento que marca época. Mas também é um documento marcado pela época, pela nossa época que não esconde o seu entusiasmo pela teologia das realidades terrestres. Assim, o desenvolvimento e até a revolução tornaram-se objeto da reflexão teológica. Sempre mais, cresce a convicção, às vêzes ambigua, de que o cristão e, por conseguinte, o religioso, não pode atingir a Deus sem se engajar na história humana. Daí, a oposição dos jovens religiosos contra uma vida alheia às aspirações e aos problemas do homem moderno. Êles recusam uma vida religiosa acrescentada à vida humana como uma superestrutura. A Igreja torna-se para êles humanidade, e é do mundo, do seu mundo que êles querem tirar a forma concreta da sua vida religiosa. Assim, insistem que a liturgia seja um acontecimento na vida humana. Já não é apenas a música do violão que faz com que a celebração eucarística seja **bonita** (bacana). A missa deve ser para êles uma expressão do sentimento religioso em linguagem e experiências humanas. Amizade, diálogo, luta pela justiça social são atitudes que constituem o conteúdo dos votos de castidade, obediência e pobreza.

Muitos superiores, religiosos e leigos sentem-se angustiados e se perguntam onde ficou a **espiritualidade** do religioso de hoje. O religioso é alguém que **por profissão** leva Deus a sério. Sua vida deveria ser uma revisão contínua da sua atitude diante de Deus. Neste intuito, êle fazia o seu exame de consciência duas vêzes por dia, formulava e renovava os seus bons propósitos no fim do retiro anual: maior fidelidade aos exercícios de piedade, prática da mortificação, visita diária ao Santíssimo Sacramento. A visão negativa do mundo, que se manifestava freqüentemente nestes bons propósitos, parecia a condição necessária para uma atitude religiosa autêntica diante de Deus.

Com essa **entrega** de nós mesmos ao mundo poderá haver ainda uma revisão da nossa atitude diante de Deus? A interrogação não é sòmente do religioso de ontem. Ela continua viva na jovem geração. Percebe-se que nos intervalos do entusiasmo provocado pela descoberta dos valores humanos, surge um mal-estar, uma dúvida: Estamos dando a Deus o lugar que lhe compete? Ora, esta incerteza talvez indique o pêso de uma formação individualista e dualista que perdura. Além disso, não podemos dar a Deus um lugar na nossa vida como se êle coubesse dentro de um planejamento, dentro de um programa. Deus abrange a existência humana na sua totalidade. No entanto, esta interrogação poderia também revelar uma tensão ine-

rente à existência cristã autêntica, tensão provocada pela fé cuja lógica não coincide com a lógica da história humana, embora entre elas não exista uma contradição.

O problema não é acadêmico. O documento da CRB procurou definir a vida religiosa como missão no mundo, num mundo em desenvolvimento. Alguém poderia chegar à conclusão apressada de que a vida religiosa está em continuidade homogênea com êste mundo em transformação. Não é impossível que esta conclusão seja um dos muitos fatôres que explicam a saída de tantos religiosos e religiosas. Se a vida religiosa encontra o seu último sentido dentro da história humana, ela já não tem mais sentido.

Falta de espiritualidade, horizontalismo, visão otimista do mundo... Estas e outras queixas denotam uma preocupação real de salvaguardar a pureza evangélica da vida religiosa. Manifestam, outrossim, uma dificuldade em conciliar as duas dimensões da vida religiosa, chamadas vertical e horizontal. Embora esta terminologia tenha as suas limitações e possa gerar mal-entèndidos, ela poderá servir como ponto de partida para uma reflexão.

Um sentido nôvo, inesperado

"Generaliza-se, hoje, a tomada de consciência do valor da pessoa humana como centro do universo e agente da história" (A Vida Religiosa no Brasil de Hoje, pág. 15). Já no primeiro parágrafo o documento da CRB admite assim a possibilidade de uma definição filosófica, horizontal do homem: um sujeito livre que constrói a própria existência. É evidente que tal definição não é suficiente, principalmente ao se tratar da vida religiosa, cujo sentido não pode ser descoberto e vivido a não ser a partir da Revelação. No entanto com o Concílio Vaticano I, lembramos a possibilidade e mesmo a necessidade de justificar a existência de um Deus pessoal a partir da experiência humana. Negar êste pressuposto humanista, horizontal, seria declarar-se incapaz de dar-se conta da própria vida religiosa. Neste sentido a atenção unilateral pela linha vertical poderia manifestar um fideísmo inconsciente. O adágio da teologia clássica, "a graça não destrói mas pressupõe a natureza", já diz claramente que a linha horizontal entra na definição da vida religiosa. Uma concepção relativamente autônoma do homem preexiste à nossa reflexão teológica.

Esta afirmação tem as suas conseqüências práticas. Para sabermos o que é ser religioso hoje, deveríamos perguntar-nos primeiro o que é ser homem hoje. Nunca houve um Concílio que dedicou tanta atenção à vida religiosa como o Concílio Vaticano II. E, no entanto, nunca existiu tanta incerteza em relação a esta mesma vida religiisa como depois dêste Concílio. As descrições teológicas não nos faltam: consagração, sinal escatológico, testemunho etc. Estas definições pressupõem, porém, uma sensibilidade em relação ao homem de hoje, à nossa época, às necessidades do mundo hodierno, aos problemas que existem no Brasil. Sem esta linha horizontal não haverá linha vertical. Não haverá consagração, sinal escatológico, testemunho. Não haverá renovação da vida religiosa.

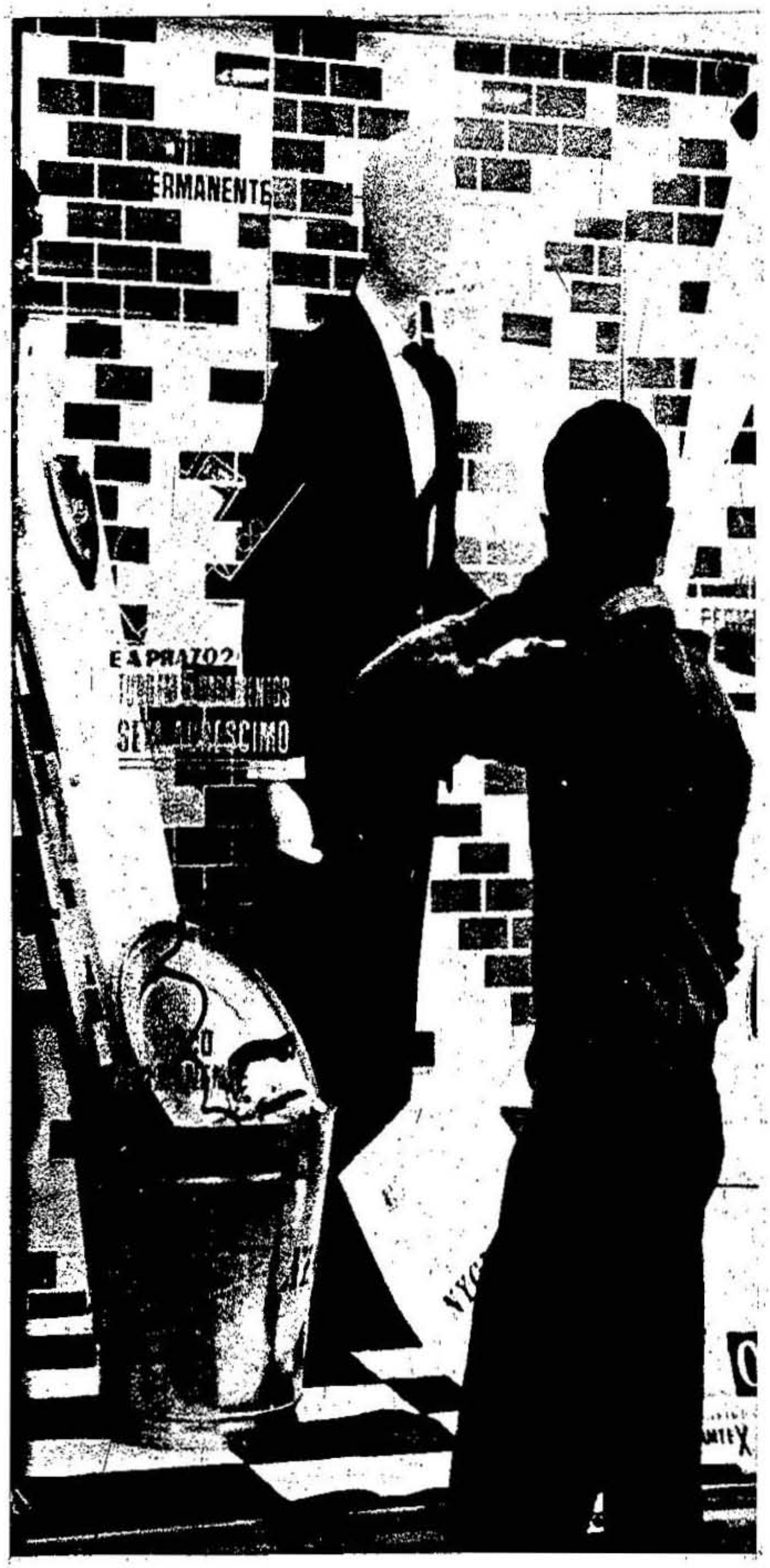
Evidentemente existe o perigo de um horizontalismo, de um naturalismo, como já existiu, sob vários nomes, o perigo de um verticalismo, de um sobrenaturalismo que igualmente negam a realidade da Redenção. Os pressupostos humanistas não podem constituir o último sentido da vida humana. O homem só se realiza quando sai de si mesmo em direção a Deus. Istó exige, porém, uma iniciativa absoluta de Deus: "Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação" (Gaudium et Spes III, 22). A filosofia vê o homem como um sujeito pessoal cuja natureza é de ser e de se fazer no mundo dos homens e das realidades terrestres. A definição teológica vê o homem como um vocacionado. Esta vocação do homem não elimina sua liberdade, sua existência no mundo e para o mundo, mas dá a elas uma dimensão e um sentido nôvo, inesperado. Entre a linha vertical e a linha horizontal existe uma unidade existencial.

O homem só se realiza quando sai de si mesmo em direção a Deus. Isto, porém, exige uma iniciativa absoluta de Deus: Cristo manifesta o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação. O homem não é manequim, mas um ser livre chamado por Deus.

Senso do absoluto e senso do relativo

Já pela experiência da sua contingência, o homem descobre que por si mesmo e em si mesmo êle não pode justificar a sua existência. Esta experiência confirma assim o dogma da criação. É graças a Deus que o homem existe como ser livre que constrói a sua existência. O seu diálogo com o mundo existe dentro da sua relação com Deus: "nêle vivemos, nos movemos e existimos" (Atos, 17,28). Em dependência a Deus, o homem pode ser êle mesmo. Esta relação imediata com Deus é **dada** ao homem antes que êle a assuma. Como liberdade situada no mundo, como centro do universo e agente da história, a pessoa humana é relação a Deus. É a partir do mundo que a pessoa humana afirma que a sua vida está escondida no mistério de Deus. Todo o seu ser é um apêlo para entrar em comunhão

com Deus, mas ao mesmo tempo é incapaz de atualizar esta sua relação com Deus. É Deus que deve intervir de uma maneira absolutamente livre. Só quando Deus se revela, vai ao encontro do homem, êste descobre o sentido da sua vida, a sua verdadeira definição. O Deus Criador é o Deus Salvador. A linha horizontal se torna assim o ponto de inserção da linha vertical. Isto vale também para a vida religiosa. Percebe-se no entanto que sem a linha vertical, sem a relação a Deus, o engajamento no mundo perderia o seu sentido último tornando-se apenas um fator de desenvolvimento cultural e de progresso da humanidade. Não queremos, com isso, afirmar que tal engajamento no mundo exclui uma relação anônima a Deus. O engajamento no mundo historifica a relação do homem a Deus, constitui a temática do seu diálogo com Deus. "Marta, tu te preocupas com muitas coisas, no entanto uma só coisa é necessária" (Lucas 10, 41-42). "Buscai, em primeiro lugar, o reino de Deus e a sua justiça" (Lucas, 12,31). Estas e outras advertências de Cristo foram freqüentemente aduzidas para justificar uma visão dualista entre o vertical e o horizontal. O **único necessário** de que Cristo fala consiste em que o homem sai de si mesmo para entrar em comunhão de amor com Deus. Esta relação interpessoal com Deus tem um valor em si mesma e não sòmente enquanto vivida na construção do mundo. Deus é amável em si mesmo e por si mesmo. O cristão encontra Deus no seu próximo, mas Deus é maior que o próximo. O diálogo com o mundo nunca pode esgotar a nossa relação teologal com Deus. A vida religiosa deve ser de maneira carismática um protesto contra uma visão radicalmente horizontalista da vida. Se o religioso pode definir-se como alguém que tem o senso do Absoluto, êle manifestará isto por seu senso do relativo. A revelação de Deus nos faz ver que a figura dêste mundo passa, que nenhuma realização humana no passado, no presente ou no futuro, é perfeita e definitiva. Negar isto seria reduzir o cristianismo a uma ideologia, ser partidário de um regime político, comprometido com uma cultura determinada.



A descoberta das realidades terrestres, a preocupação pelo desenvolvimento, o entusiasmo pela renovação e mudança das estruturas — que deveriam ser muito mais incentivadas e realizadas — nunca podem degenerar numa espécie de romanticismo. Neste sentido, a nossa peregrinação no mundo será um contínuo processo de demitização (e portanto de renovação).

O Evangelho desencarnado, simplesmente, não é evangelho: a Boa-Nova é concreta. Às vêzes, terrìvelmente concreta. O engajamento do religioso no mundo de hoje, o seu trabalho em prol da promoção humana é construção do reino de Deus, mas o ponto de chegada na linha horizontal não absorve a linha vertical. Na Igreja existe um encaminhamento nítido para uma pluralidade de formas da vida sacerdotal. Esta evolução providencial tem as suas manifestações ambíguas. Poder-se-ia concluir que não há mais lugar para o sacerdote ao lado do psicólogo, do sociólogo, do assistente social. Isto seria desconhecer a relevância da Boa-Nova para todos os terrenos da vida humana. A Boa-Nova se historifica, mas não se deixa captar dentro dos limites da história humana. Para ser fiel ao Evangelho não é suficiente trabalhar pelo deseuvolvimento. Não basta querer mudar as estruturas — sem o que, entretanto, a concretização da Boa-Nova torna-se impossível — ou então querer mantê-las a todo custo.

Talvez mais do que no passado percebemos quanto é necessário que o cristão e, **por profissão** o religioso, tenham uma percepção viva da iniciativa de Deus. Esta atitude de **contemplação** não lhe faz cruzar os braços, mas lhe dará a coragem de mergulhar neste mundo para colaborar na sua construção segundo o carisma que lhe fôr dado. É uma profunda espiritualidade que dará sentido à sua inserção no mundo, como também esta inserção poderá aprofundar a sua espiritualidade. As renovações, as mudanças de estruturas, as experiências tão necessárias provocam, principalmente nos jovens, uma euforia. Se elas não forem sustentadas por uma espiritualidade, surgirá de nôvo a interrogação tão viva e tão angustiante para muitos religiosos: mas, afinal, será que a vida religiosa tem sentido?

O espaço da resposta

O religioso é uma pessoa humana, um cristão que faz da sua consagração a Deus a sua profissão. É a sua relação teologal com Deus que o torna capaz de fazer o voto de obediência. As situações históricas nas quais o religioso se encontra, constituem, dentro da sua relação pessoal a Deus, o conteúdo temático do seu diálogo com Deus.

As situações históricas são assim um apêlo de Deus, **significam** a graça interior. Esta graça interior, iniciativa de Deus, não existe sem uma horizontalização.

O mundo e a história traduzem a palavra interior de Deus, tornam o homem atento a esta palavra e constituem o espaço da sua resposta, da sua obediência religiosa. Sem uma missão no mundo, sem um engajamento na linha horizontal, não existe vida religiosa. A consagração religiosa não passa por cima das realidades terrestres. Nesta resposta do religioso, o superior e a comunidade desempenham um papel importante que agora não podemos analisar.

Todo o ser é um apêlo para entrar em comunhão com Deus, mas ao mesmo tempo é incapaz de atualizar esta relação com Deus. Só quando Deus se revela, vem ao encontro do homem, êste descobre o sentido de sua vida, a sua verdadeira definição.

A vida em Deus não é um aspecto parcial da vida humana, mas uma atitude integral que engloba o nosso ser no mundo e para o mundo. É o processo da secularização que atraiu mais a nossa atenção para esta verdade. Colocando a realidade do mundo dentro do diálogo com Deus, ela não perde a sua autonomia mas adquire um sentido nôvo, um horizonte que abre para o infinito. O diálogo com o mundo conserva, pois, as suas leis próprias. A fé, ou seja, a relação teologal com Deus, não resolve os problemas inerentes à construção do mundo (isto sem negar a possibilidade de uma intervenção milagrosa de Deus), mas os faz enfrentar. O apêlo de Deus nas realidades humanas não elimina o caráter humano do apêlo. A comunhão com Deus torna o homem precisamente mais sensível aos valores humanos. Para engajar-se numa missão no mundo o religioso precisa ter uma competência profissional. As realidades terrestres foram atingidas pelo pecado. A construção do reino de Deus se realiza também através da restauracão dos valores humanos.

Muitos se perguntam se após esta evolução que presenciamos na Igreja a vida religiosa conservará ainda uma característica própria, algo de específico que a distinga dos outros estados de vida. O documento de Medellin, ao falar da vida religiosa, afirma que "para que os religiosos leigos possam cumprir sua missão específica na América Latina de hoje é necessário que valorizem seu papel de leigos consagrados e obtenham uma inserção mais profunda no laicato do povo de Deus". É difícil determinar **a priori** as conseqüências desta inseção. Lembremos que o Evangelho apresenta duas exigências fundamentais com respeito à nossa inserção cristã na construção do mundo. Em primeiro lugar, o Evangelho nos adverte que nenhuma realizacão humana é definitiva e perfeita. Em segundo lugar, que nós não podemos atingir a Deus sem nos engajarmos de modo lúcido na história humana. O cristão deve colaborar na construção de um mundo mais digno do homem. O que seja esta dignidade humana ninguém pode dizer. É através da história que vamos descobrindo o que é **contra** esta dignidade humana. Na fé sabemos que a dignidade humana na sua plena realização foi-nos prometido por Deus em Jesus Cristo. Trata-se de uma graça, de uma iniciativa de Deus que já neste mundo começou a realizar-se històricamente. O Evangelho é, portanto, escatológico. Sem esta perspectiva, êle se tornaria deprimente, e a vida religiosa de fato não teria sentido.

Mensagem mais engajamento

A esperança cristã tem o papel de criticar negativamente os resultados atingidos que não podem captar o reino de Deus. Tendo a percepção viva da iniciativa de Deus na redenção, na realização humana, o religioso terá a coragem de ser **inútil. Inutilidade** que se manifesta na virgindade por causa do reino dos céus, na pobreza, na obediência, na oração. Esta **inutilidade** não se identifica com a insensibilidade diante do subdesenvolvimento. Na carta aos tessalonicenses São Paulo repreende fortemente tal atitude de passividade. A fé na iniciativa de Deus faz precisamente com que o religioso assuma a sua missão no mundo para que a iniciativa de Deus se torne história. A graça se torna no homem responsabilidade.

Nada dissemos nestas páginas sôbre o estilo de vida que deve ser a expressão concreta e, ao mesmo tempo, uma relativa garantia desta espiritualidade, desta vida de esperança que é a vida religiosa. Limitamo-nos a lembrar que os religiosos não devem engajar-se no mundo sem transmitir uma mensagem, como também não podem transmitir uma mensagem sem um engajamento concreto. Isto exige dos religiosos uma busca contínua, planejamento e muita imaginação evangélica.

FREI VITAL WILDERINK

1

2

3

O QUE JÁ SE FÊZ E O QUE ESTÁ POR FAZER

Experiências de renovação verificaram-se em tôdas as áreas do país. Os religiosos, por sua vez, fizeram o possível neste sentido. E como nas demais realizações humanas, aqui também houve aspectos negativos e positivos. Mas, dentro de uma visão sem fronteiras, o que se fêz não traz a marca de gueto e, por isso mesmo, diz respeito a todo o povo.

Faz um ano, os religiosos propunham como metas de ação a serem atingidas nas diversas regiões do país, a renovação teológico-espiritual, a inserção na comunidade humana, a reforma das estruturas e a integração na Pastoral de Conjunto. Assim, tendo em mente tudo isso, iniciaram-se os trabalhos preparatórios para a VIII Assembléia Geral dos Religiosos do Brasil.

Promover a renovação teológico-espiritual significava levar os religiosos a se capacitarem através dos institutos especializados de teologia, espiritualidade e pastoral. Significava reunir especialistas que, mediante um trabalho sistemático, pudessem ajudar as comunidades a se renovarem, não só por meio dos encontros e palestras mas também por meio dos contatos pessoais.

Contudo, esta renovação, exigindo abertura, só viria intensificar o isolamento, se não levasse os religiosos a uma inser-

4

5

Da esquerda para a direita: encontro em Curitiba (1), padre Aquino (2), curso de psicologia (3-4), padre Marcelo, atual presidente da CRB (5)

ção autêntica na comunidade humana. Por outro lado, inserir-se na comunidade humana só teria sentido se fôsse para servir. Em última análise, uma das exigências que nesse ponto se apresentava era exatamente a da capacitação profissional dos religiosos, cada um em seu setor: educação, enfermagem, meios de comunicação, economia etc. De tal modo, tôda a renovação pedia um nôvo tipo de ascese: a ascese do trabalho. Não seria, portanto, de admirar que a renovação assim entendida levantasse problemas e dificuldades tanto no plano pessoal e interpessoal como no plano das estruturas. Faziam-se necessários encontros de reflexão, descentralização das congregações, novas formas de vida religiosa e experiências de trabalho intercongregacional obedecendo aos ápelos reais das áreas de ação. Era indispensável uma consciência clara ra prioridade das pessoas sôbre as instituições, como, por exemplo, no caso dos egressos, o tratamento cristão que se lhes devia dar.

Tôdas essas metas pensadas para o setor religioso, bem como os próprios religiosos deveriam, enfim, inserir-se no Plano de Pastoral de Conjunto.

Um quadro geral

Assim, de acôrdo com a situação e as possibilidades das diversas regiões é que foram efetivamente se desenvolvendo as atividades dos religiosos do Brasil no período de 1968. A Assembléia canalizou e ao mesmo tempo ampliou o esfôrço de renovação, situando a vida religiosa hoje e aqui: vida religiosa no Brasil de hoje. Todo o trabalho realizado na fase preparatória, independentemente da própria Assembléia, representou, por si mesmo, um grande passo adiante. Assim também, durante a Assembléia, um nôvo passo foi dado quando se procurou chegar não a um texto que fôsse definitivo mas que pudesse ser completado e enriquecido na vivência comunitária. Dentro dêsse quadro geral, o fim do ano viu uma série de reuniões de revisão feitas em nível local, regional e nacional, buscando descobrir o que funcionou e o que não funcionou. Descobrir o porquê, não para abandonar nem para repetir receitas, mas para planejar em comum as próximas etapas a serem percorridas.

As sucessivas revisões mostraram alguns dos resultados dêste esfôrço,, embora muita coisa de positivo não chegue a ser traduzida em números e fatos.

Cursos: gradação e continuidade

Em tôdas as regiões verifica-se um esfôrço muito sério de se levar adiante a renovação. Isto

aparece claro nos temas dos cursos realizados e nas iniciativas visando à formação de quadros dirigentes: cursos para superiores, encontros de contemplativas, cursos para mestras de noviças, cursos de formação teológica, encontros de superiores maiores e cursos de teologia da vida religiosa.

Sem dúvida, todos êstes cursos foram úteis e desempenharam sua função. Entretanto, êles não podem continuar simplesmente se repetindo, sob pena de agravar um certo **cansaço de renovação.** Os religiosos sentem que é preciso acompanhar os resultados obtidos, compará-los com as novas necessidades e encaminhar a formação e a renovação de modo gradativo e ascendente. Nesta linha, encontra-se a freqüência aos institutos de pastoral e aos cursos de maior duração como o **Christus Sacerdos** (em São Leopoldo) e o **Ancilla Domini** criado pela CRB de Pôrto Alegre para preparar irmãs formadoras. A situação quanto à possibilidade de mandar participantes a tais cursos varia enormemente de regional para regional. As regiões centro-sul já estão bem mais servidas. Todavia, uma das regiões que mais tem insistido na preparação de quadros é a região norte. A CRB na Amazônia vem sentindo agudamente a necessidade de capacitação. Ora, a formação do IPAM (Instituto Pastoral da Amazônia) constituiu um grande passo. Em 1968, o IPAM teve que enfrentar grandes dificuldades. Felizmente, para 1969 apresentam-se melhores perspectivas. O IPAM atenderá a uma faixa da capacitação requerida (Convergência, ano 1 — n.º 7 — pág. 24). Portanto, o problema que ora vem se colocando é o da **continuidade.** Não basta dizer **o que,** mas é preciso enunciar também mais claramente **o como** e o **em-que-etapas.**

A renovação de todos

Um outro ponto de desequilíbrio que se nota é o do atendimento aos religiosos nas áreas em que se apresentam em número menor e muito dispersos. É significativo verificar que as viagens dos membros da comissão executiva nacional atingiram sobretudo os centros nos quais é maior o número de religiosos. Algumas regionais já estão procurando "fazer sentir aos religiosos que a CRB não é só a sede, mas deve estender suas atividades também ao interior. (...) Assim, desde o ano passado foram feitas visitas às principais cidades da Regional, fundando-se nelas equipes da CRR" (Revisão da CRB-Fortaleza).

Capacitação profissional

Na linha da capacitação profissional para inserção na comunidade humana, pràticamente tôdas as regionais realizaram cursos de artigo 99 para religiosos, sendo uns exclusivos, outros em colégios leigos. "Êste, em colégio não religioso, teve de positivo, segundo depoimento, levar os religiosos a se fazerem presentes num grupo totalmente leigo" (Revisão da CRB — Rio de Janeiro). Visando esta mesma inserção do religioso na comunidade humana, muitas outras iniciativas foram tomadas. Buscou-se preparar, de fato, o pessoal para o trabalho hospitalar, o trabalho de assistência ao menor, o trabalho de contabilidade etc.

Estruturas

Na questão da reforma das estruturas, pôde-se observar nas congregações que realizaram capítulos, um grande interêsse em obter assessoria. Nesta área, bastante considerável foi a assessoria dos departamentos de formação e jurídico-canônico.

Com pequenas variantes, realizaram-se também experiências de juniorado comum. A avaliação global foi positiva. A CRB de Belo Horizonte, valendo-se de sua experiência anterior, realizou em 1968, uma reestruturação, dividindo o juniorado em duas fases, a elementar e a doutrinal.

Quanto à inserção no Plano de Pastoral de Conjunto, a boa vontade é grande e, nas regionais do Norte e do Sul, existe muito entrosamento. Ressaltaram-se, particularmente, os encontros de bispos e provinciais, realizados em Pôrto Alegre, Belo Horizonte e São Paulo, no decorrer de 1968.

De tudo isso, resulta um modo mais profundo de encarar e prosseguir o trabalho da renovação: passando além dos necessários questionamentos, é preciso partir em busca das soluções concretas.

A essa altura, o que se poderá dizer da renovação da vida religiosa no Brasil? Em que pé estamos? A meu ver, ainda é cedo para uma avaliação. Tentarei dar os pontos negativos e positivos que, às vêzes, se entrelaçam e, não raro, se chocam.

■ Foram programadas e dadas, com reais frutos, centenas de cursos pelo Brasil afora. Porém, pôde-se notar o seguinte: uma saturação em muitas áreas e uma larga faixa não atingida; uma falta de **continuidade** e a conseqüente **repetição** do mesmo auditório. Uma avaliação precipitada das reais necessidades dos religiosos. Daí, em alguns casos, uma evolução sem base firme e que ocasionou mal-entendidos.

■ As experiências que se fazem são muitas. Mas não raro sua multiplicidade e a precipitação que acompanha algumas delas não permitem ainda filtrar o que há de válido.

■ O desejo das gerações mais novas (falo de mentalidade, não de cronologia) de querer quebrar barreiras e estruturas, revela a boa vontade em atender aos apelos do Vaticano II e aos sinais do tempo. Nota-se, porém, uma impaciência de querer colhêr na hora de plantar. E esta imaturidade gera numa larga faixa uma teimosia que não permite nem aceita as experiências inadiáveis. Há mesmo, por parte de alguns mais conservadores, um certo sorriso de satisfação, quando se nota qualquer fracasso. Disto tudo decorre o que se costumou chamar "conflito de geração".

■ A promoção que muitos religiosos tiveram (através de especialização, de cursos etc.) é inegável; é um ponto positivo. Todavia, não encontrando nas comunidades o apoio necessário nem a devida compreenção, os "promovidos" sentem-se desorientados. Explica-se, então, um dos motivos de tanta "fuga" da vida religiosa de pessoas cheias de boa vontade e realmente capazes. E aqui, como acima, o círculo se fecha: a teimosia de muitas em não querer mudanças gera a revolta. Uma revolta que, por sua vez, é conseqüência da imaturidade.

■ Muitas mudanças exteriores foram feitas. Mudanças necessárias como, por exemplo, hábito religioso, métodos de apostolado, novas formas de vida comunitária etc. Como, no entanto, são mudanças que às vêzes revolucionam todo um passado, não raro houve uma certa falta de prudência em realizá-las o que chocou as gerações mais velhas, deixando-lhes a impressão (muitas vêzes falsa!) de que mudança significa fuga às responsabilidades da vida religiosa e aos compromissos assumidos.

■ Houve, de fato, fuga. E certas fugas foram dolorosas. Entretanto é triste constatar que

estas saídas, em vez de levar a um exame de consciência, levou certas áreas a uma euforia quase diabólica. Quem ousará atirar a primeira pedra?

■ A nova forma de vida religiosa no mundo de hoje supõe uma vivência. Ora, esta vivência deve basear-se em experiências novas, cheias de risco, mas necessárias. É exatamente esta coragem que se vem notando na vida religiosa no Brasil de hoje.

■ Em muitas congregações observa-se outro fenômeno: os superiores maiores e a base querem e buscam a reforma. Porém, há uma faixa "impermeável". Um grupo que se agarra ao passado para não perder posições. E nesta faixa colocam-se muitos conselheiros gerais e provinciais.

■ Tomando como ponto de partida o que já se fêz, e abrindo caminho para o que está por fazer, o Documento da VIII Assembléia Geral dos Superiores Maiores realizada em julho do ano passado, capta os anseios da maioria dos religiosos do Brasil e aponta uma inserção na realidade atual sem perder a inserção em Deus. Todavia, a inserção no mundo exige coragem, humildade e, acima de tudo, confiança em Deus, coisa que não pode existir quando "falta o senso do Absoluto e, conseqüentemente, o senso do relativo".

Frei Vital Wilderink que escreve neste número o artigo Ponto de Encontro

De um lado, o homem é um ser imerso nas realidades terrestres. Existe no mundo e, no mundo, se realiza. De outro lado, êle é um vocacionado para Deus e, todavia, esta vocação não lhe destrói a liberdade, nem lhe impede a existência no mundo e para o mundo. Aponta-lhe, sim, uma nova dimensão, um sentido nôvo, inesperado.

NOTA
As avaliações finais do presente artigo foram feitas pelo padre Angelo Cardillo D'Angelo.

Para ir adiante precisamos deixar caminhos conhecidos, seguir o Espírito de Deus e responder às reais necessidades.

IGREJA NO MUNDO

PAULO VI E A RENOVAÇÃO

Falando aos capitulares dos Beneditinos Olivetanos, dos padres da Congregação do Espírito Santo e dos Irmãos Maristas, em novembro p.p. o Papa Paulo VI lembrou que "é preciso interrogar-se sôbre o que é essencial e insubstituível na vida religiosa e sôbre o que pode e deve ser mudado conforme as circunstâncias de tempo e lugar". No eixo da vida religiosa está a oração, a busca de Deus. Para isso,. exige-se a renúncia, mas esta renúncia é como que "o avêsso de uma bela peça de tecido. O lado direito é o amor". Libertar-se, pois, pela renúncia, para receber e dar o amor. O Papa afirmou ainda que a vida religiosa nunca pode deixar passar para segundo plano a relação com Deus, que deve "inspirar, penetrar e santificar todo o resto". Porém, lembrou o Papa, "algumas formas contingentes da vida religiosa são fruto de um contexto histórico e geográfico hoje ultrapassado". É preciso, portanto, renovar e Paulo VI acentua que estas reformas supõem riscos: "deixam-se caminhos conhecidos e familiares sem que se veja com precisão aonde se irá chegar. Uma navegação perigosa que deve evitar dois escolhos: um, o apêgo cego e apaixonado à letra do que sempre foi praticado no Instituto (isto é, uma fidelidade puramente formal e material), e o outro que consiste no caminho fácil da mudança arbitrária, sugerida não pelo espírito de Deus e pela necessidade real mas pelas ondas de um espírito puramente natural e mundano".

COMUNIDADES INTEGRADAS

Com a finalidade de concretizar os planos dos Superiores maiores, expostos no texto-base da última Assembléia Geral, a CRB por meio dos Departamentos de Saúde, Serviço Social e Educação procura dar especial apoio às iniciativas dos religiosos organizados em COMUNIDADES INTEGRADAS (CI), para um melhor serviço de Igreja às regiões prioritárias do país. Para isto, tentamos visualizar as áreas prioritárias levando em conta os focos endêmicos, os flagelos sociais, a taxa de analfabetismo, a densidade populacional, as correntes migratórias, a polarização do desenvolvimento, o mínimo de serviços existentes (no local) a serem dinamizados, os planos governamentais e a receptividade, e engajamento do colégio diocesano.

As CI terão como objetivo manter a presença solidária da Igreja em áreas prioritárias, buscando promoção e irradiação do desenvolvimento.

As CI serão estáveis (pelo menos para a execução do plano) ou transitórias, à medida que a comunidade local assumir as tarefas.

Cada CI terá religiosos ou religiosas da mesma ou de várias congregações, profissionalmente capacitados para o desempenho de tarefas essenciais à coletividade (cada CI deverá ter um (a) enfermeiro (a), um (a) assistente social e um (a) educador (a) que procurarão manter-se desvencilhados da conivência com grupos econômicos dominantes e dispostos a sanar a dicotomia entre vida espiritual e apostólica.

As CI deverão seguir alguns princípios de ação de ordem geral e específica.

- Princípios de ordem geral:
- As congregações religiosas que organizarem CI deverão liberar elementos vocacionados para esta nova experiência apostólica.
- O desenvolvimento comunitário será executado de forma integrada.
- Os candidatos serão treinados para um estilo de vida e ação próprias a uma inserção mais profunda no meio a desenvolver.
- Os candidatos às CI deverão ter capacidade de integração e de aproveitamento dos recursos humanos e materiais de cada local.
- Os membros de cada CI serão orientados e apoiados pelos órgãos competentes da CRB.
- Princípios de ordem específica:

As CI deverão realizar

- no campo da saúde — educação sanitária, medicina preventiva (saneamento, imunização), triagem e encaminhamento de pacientes, dinamização dos serviços locais;
- no campo da educação — alfabetização e educação comunitária, atualização dos professôres locais, encontros de pais e mestres, ensino orientado para o trabalho;
- no campo social — criação de grupos sociais (trabalho doméstico, juvenil), estudo e solução dos problemas sociais (mercado do trabalho, escoamen-

to de produtos, humanização), combate às injustiças e aos flagelos sociais (delinqüência, tóxicos etc.).

As CI deverão manter um estilo de vida consagrada com:

- vida fraterna que mostre sintonia de amizade, mútua escolha e diálogo;
- espiritualidade vivencial, com busca do Cristo total, para ser sinal da Igreja solidária com Êle até as últimas conseqüências;
- corresponsabilidade, assumindo pessoal e comunitàriamente a missão;
- solidariedade com os pobres a promoverem, sobrevivendo às custas do trabalho pessoal e assumindo o risco do imprevisível;
- vida apostólica de ação pastoral brotada da ação profissional e da integração na comunidade que se está servindo.

Quem tem o senso do Absoluto, tem o senso do relativo, e percebe claramente que existe na Igreja muitas coisas que são fruto de um contexto histórico e geográfico hoje ultrapassado.

ATIVIDADES DE RENOVAÇÃO EM MATO GROSSO

Na cidade de Campo Grande, em Mato Grosso, foi fundada em meados de 1968 mais uma seção regional da CRB. Dada a necessidade do entrosamento entre a Conferência Nacional dos Bispos e a Conferência dos Religiosos, buscou-se desde o começo, de acôrdo com o Plano de Pastoral de Conjunto, a atualização do trabalho pastoral, uma identificação maior com o povo de Deus e, conseqüentemente, um conhecimento mais profundo da posição dos religiosos dentro dêste povo.

Face à enorme extensão geográfica e à distribuição populacional, o secretário-executivo realizou contínuos deslocamentos procurando exatamente desenvolver o espírito de conjunto em âmbito regional de modo a atingir ali as diversas circunscrições eclesiásticas.

Na impossibilidade de uma transferência imediata do secretariado, de Cuiabá para Campo Grande, muitos trabalhos foram imensamente dificultados. De Cuiabá a Campo Grande são 800 Km de estrada de chão batido. E Mato Grosso tem 1 milhão e 250 mil Km².

Além dessas dificuldades, surgiram outras de ordem estrutural. Houve resistências, incompreensões, e até calúnias. Chegou-se mesmo a impedir o estudo sôbre o documento-base da CRB.

Não obstante essas dificuldades muito naturais, um enorme trabalho foi desenvolvido na região de Mato Grosso: dois encontros de superiores maiores para o estudo do texto-base; para o estudo do mesmo documento, o encontro das religiosas dirigido pela Irmã Irany Bastos; reuniões mensais conjuntas das religiosas, em três dioceses; em Rondonópolis, o curso normal de férias, em que estão participando religiosas de cinco congregações diferentes; sendo que 45 religiosos já terminaram o 1.º ano normal; retiros comunitários para religiosas de diversas congregações; busca de maior habilitação profissional e maior preparação para novos campos de trabalho. As Irmãs que estão desejando assumir paróquias sem padre residente, mantêm contato com o secretário-executivo visando aos cursos de preparação.

Dentro de uma visão voltada para o futuro, o secretário-executivo da Conferência dos Religiosos, na cidade de Campo Grande, fêz o seguinte comentário: "A situação de Mato Grosso pede religiosos bem preparados, sensíveis à realidade matogrossense. Se não tivermos elementos capazes, teremos que lamentar, num futuro muito próximo, que a resposta dada ao desafio do desenvolvimento não tenha sido cristã. Vejo, com tristeza, que muitas superioras maiores retiram de Mato Grosso seus elementos bem formados a fim de enviá-los para outras regiões do Brasil **mais necessitadas.**"

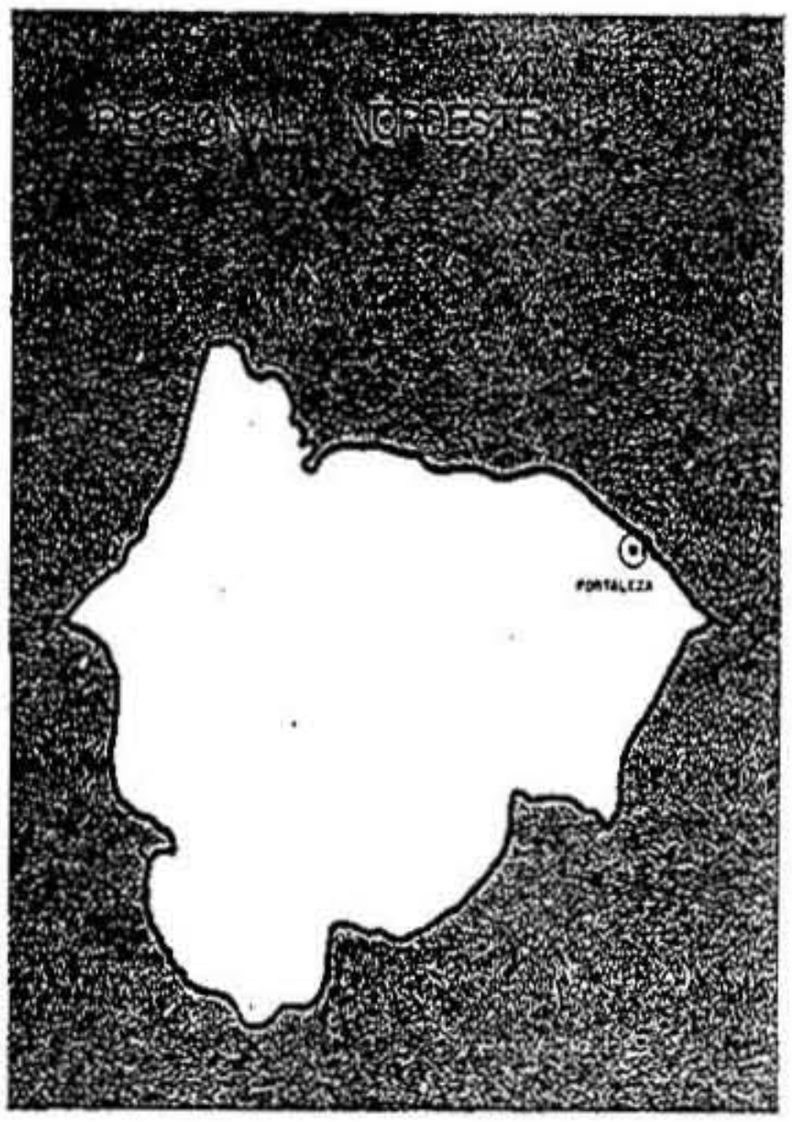
ESCOLA SUPERIOR DE CINEMA

Primeira no Brasil em seu gênero, a Escola Superior de Cinema, com sede em Belo Horizonte (Av. Brasil, 2023 — 6.º andar) é um estabelecimento de ensino superior e está incorporada à Universidade Católica de Minas Gerais, desde 1962.

O objetivo da Escola é priorità̀riamente o de formar técnicos de cinema. É preparar seus alunos para **fazer cinema** nos vários setores concernentes à realização de um filme: Diretores, Produtores, Iluminadores, Cenógrafos, Laboratoristas, Montadores, Roteiristas, Continuístas etc. Ao mesmo tempo, ela fornece subsídios para aquêles que queiram se dedicar à crítica, ao ensino do cinema, à pesquisa, ou aos que pretendem apenas uma cultura cinematográfica organizada.

A Escola estimula tôdas as experiências práticas de seus alunos e, inclusive, um dos requisitos para a obtenção do certificado final é a confecção de pelo menos um filme de curta-metragem. A duração total do curso é de quatro anos. Os candidatos devem ter completado o curso colegial ou equivalente, e prestar exame vestibular que consta de português, de francês ou inglês e de conhecimentos gerias.

Neste começo de ano (15 de janeiro a 7 de fevereiro), a Escola Superior de Cinema está promovendo, como já é costume, os cursos de extensão universitária para educadores, estudantes universitários e demais interessados em cinema.



NOVA SUBSEÇÃO REGIONAL DA CRB

São Luís do Maranhão é sede de um nôvo sub-regional da CRB. Começando a funcionar no 2.º semestre de 1968, possui organizado regularmente apenas um departamento que é o de formação. Apesar disso e quase sem sustentação econômica, o regional tem procurado atingir as metas de renovação da Vida Religiosa, promovendo retiros comunitários mensais, com o estudo dos documentos conciliares. Êste ano, por exemplo, foi a **Constituição Gaudium et Spes.** O arcebispo tem aproveitado as reuniões mensais para pôr as religiosas a par da pastoral diocesana, regional e nacional.

INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL

Na última fase do Vaticano II, os bispos brasileiros, reunidos em Roma, determinaram que os Institutos de Pastoral Catequética (ISPAC) de Pastoral Litúrgica (ISPAL) e de Pastoral Vocacional (ISPAV) deveriam oportunamente se unir em uma só organização para formar seus candidatos nos elementos básicos comuns a tôda a Pastoral, e nas diversas especializações. Os estudos para a união, iniciados em 1967, chegaram a seu término com a aprovação, no dia 29 de novembro de 1968, pelos bispos responsáveis dos Institutos e pelo Secretariado Geral da CNBB, de um documento básico elaborado pelos atuais diretores do ISPAC, ISPAL e ISPAV, com a colaboração e coordenação do Padre Virgílio Rosa.

Desta forma, a partir de março de 1969, os referidos Institutos passarão a exercer suas funções de maneira uniforme, integrando num programa os esforços paralelos que até o presente vinham desenvolvendo no campo da fundamentação comum a tôda a renovação pastoral.

Para o futuro, o Instituto unificado (Instituto Nacional de Pastoral) deverá atender à ecessidade de especialização não sòmente no campo da catequese, liturgia e pastoral vocacional, mas também no campo do ecumenismo, missões, apostolado leigo etc. Em 1969, no entanto, limitará suas matrículas apenas

aos setores da catequese, da liturgia e pastoral vocacional.

O INP (Instituto Nacional de Pastoral) formará exclusivamente agentes destinados pelas autoridades eclesiásticas a atuar ou exercer coordenação pastoral em âmbito que exija preparação de nível superior. Os institutos regionais ou diocesanos estão em condições de oferecer cursos e estágios para as necessidades de âmbito e nível inferiores. Nas atuais condições, porém, por causa da insuficiência numérica dêstes institutos, o INP poderá exercer ação subsidiária e aceitar, em caráter não permanente e a critério da Dietoria, candidatos que se destinam aos quadros diocesanos ou de uma província religiosa. O INP oferecerá condições aos alunos para refletirem sèriamente, no contexto de uma visão integrada do Mistério da Salvação, da missão da Igreja e da História dos homens, sôbre os temas e questões teológicas de importância. Não omitirá as questões atualmente levantadas pelos teólogos e levadas ao público pelos meios de comunicação social. Estas questões exigem, sob a orientação do Magistério, exato conhecimento de seus têrmos, e critérios de discernimento que ajudem o agente pastoral a superar as eventuais crises e a auxiliar o povo na educação da fé. O INP oferecerá meios para o aprendizado pastoral através de estágios e promoverá um clima de vivência comunitária, fundada na reflexão comum de professôres e cursistas, à luz da Palavra de Deus e na celebração litúrgica do Mistério da Salvação.

O MOVIMENTO CATEQUÉTICO NO BRASIL

Nos últimos quinze anos, o movimento catequético no Brasil cresceu não só quanto ao número de atividades desenvolvidas mas também quanto à qualidade. Em três etapas sucessivas, a renovação veio ganhando cada vez maior profundidade. Primeiramente, os trabalhos de atualização atingiram os próprios métodos de educação da fé. Para isso, muito contribuíram as transformações operadas no setor educacional e, particularmente, as novas descobertas em psicologia da infância e da adolescência. Numa segunda etapa, a renovação visou ao próprio conteúdo da mensagem. Das categorias nocionais, em parte abstratas, verificou-se a passagem para um conteúdo baseado na história da salvação. Dêsse modo, foi possível um reencontro com a originalidade da mensagem cristã em sua dimensão histórica. Esta segunda fase também exigiu uma busca de métodos, ou seja, a pedagogia da fé tomou como base o próprio método de Deus como aparece no Antigo e Nôvo Testamentos. O movimento catequético nacional deve muito aos pioneiros desta renovação, Mons. Álvaro Negromonte e Madre Theresa de Cristo Lessier. Outros fatôres vieram contribuir para esta atualização progressiva: a primeira reestruturação do Secretariado Nacional de Catequese, em 1962, com Dom José Costa Campos; a fundação do Instituto Superior de Pastoral Catequética (ISPAC), em 1963; e o Primeiro Plano de Pastoral da CNBB, denominado Plano de Emergência.

Com o Concílio e, após o Concílio, com o Plano de Pastoral de Conjunto, o movimento catequético recebeu nôvo impulso: realizados sob a responsabilidade da CNBB, seguiram-se os 13 cursos de 20 dias nos 13 Regionais da CNBB; multiplicaram-se os encontros catequéticos; foram criados mais 5 Institutos Catequéticos Regionais, os chamados ISPACs Regionais. Finalmente, teve lugar o Seminário Nacional de Catequese, em julho p.p., com dois objetivos:

— Numa linha de prospectiva, tomar consciência da renovação catequética já realizada
— Preparar a Semana Internacional de Catequese de Medellin (12 a 18 de agôsto de 1968).

Salvação e História Humana

Uma nova perspectiva abre-se agora para o movimento catequético nacional. O conteúdo da mensagem cristã e a própria história da salvação devem ser assumidos à luz da consciência eclesial contemporânea. Esta tomada de consciência, decisiva para a fé, explica-se, cresce e atinge dimensões mais amplas na sua relação intrínseca com a sociedade e história dos homens. Em outros têrmos, percebe-se que o Reino de Deus já começa a realizar-se na própria história

humana, embora com ela não se identifique. Percebe-se que o mistério de Cristo e a ação do Espírito Santo, na realização progressiva do Reino de Deus, têm na Igreja o sacramento, o sinal de salvação para todos. Ora, esta presença da salvação operando na história humana, bem como a originalidade sacramental da Igreja em relação intrínseca com esta mesma história, conduzem a opções decisivas sôbre todo o processo da educação da fé.

As conclusões do Seminário Nacional de Catequese enfocaram, em duas partes, a problemática fundamental que caracteriza a nossa situação brasileira, e a problemática da fé.

Com respeito à situação concreta, foram abordados os problemas do subdesenvolvimento global e do pluralismo religioso. Quanto a êste último, as conclusões salientaram três aspectos fundamentais: a religiosidade popular, o catolicismo sociológico e a secularização. Quanto ao problema do subdesenvolvimento, chamou-se a atenção para a necessidade de que "a pastoral catequética se baseia numa análise científica do problema através de estudos feitos por psicólogos, sociólogos e políticos que estudam o subdesenvolvimento sob os diferentes aspectos demográfico. econômico, político e cultural.

Na segunda parte, foi lembrado que à catequese compete explicitar e aprofundar tôdas as dimensões da fé: a dimensão pessoal situaria melhor a religiosidade popular; a dimensão eclesial estabeleceria mais nìtidamente a relação entre a fé e a sacramentalidade da Igreja; e a dimensão histórico-escatológica confrontaria a fé com o processo histórico de libertação.

Até agora a renovação catequética veio se baseando numa teologia querigmática, ou seja, uma teologia que partiu do anúncio da palavra. O esfôrço de renovação, feito nesta linha, permitiu uma pureza maior no que diz respeito ao conteúdo da catequese. Êste conteúdo que passou a ser a própria história da salvação, capaz de levar os homens a um encontro com Deus, a uma fé pessoal. Êste esfôrço de renovação, normalmente só poderia a uma presença e a uma participação maiores na própria história dos homens. Assim, o Seminário Nacional de Renovação Catequética, a Semana Internacional de Medellin, os Documentos da II Conferência do Episcopado Latino-americano, bem como os documentos-bases da CNBB e CRB insistem sôbre o homem em situação de subdesenvolvimento. Tomando alguns dos 16 documentos da II Conferência do CELAM notamos que algumas expressões apontam exatamente esta perspectiva. Assim, por exemplo: "Situar no centro de nossa atenção o homem dêste Continente"; "Para conhecer a Deus é necessário primeiro conhecer o homem"; "Deus está, através de Jesus Cristo, ativamente presente na história". Ora, todo êsse modo de falar implica em uma visão teológica nova, concepção mais profunda de uma história da salvação que coincida com a experiência universal, que opere no tempo e, mais que isso, faça do próprio tempo uma obra de salvação.

Evangelização, Catequese e Secularização

Face aos acontecimentos da secularização e da desmitização coloca-se hoje, de maneira bastante aguda, o problema da fé. Dentro dessa nova problemática, quais seriam atualmente as prioridades para a evangelização e a catequese? Sem responder diretamente, as pistas aparecerão mais claras se tomarmos consciência de que, a partir da reflexão comunitária à luz da fé e dos acontecimentos, a evangelização e a catequese é Jesus Cristo que revela o homem ao homem (GS).

E com base nas prioridades sugeridas pelo Encontro Nacional de Catequese e pela Semana Catequética Internacional de Medellin seguem algumas conseqüências pastorais mais imediatas:

— A igreja só saberá falar com clareza às crianças e aos jovens quando souber o que dizer aos adultos

Dom José Costa Campos, primeiro organizador dos Institutos de Pastoral Catequética

— A Igreja precisa perceber a grande importância dos meios de comunicação de massa como um dos fatôres fundamentais de aceleração ou retardamento do processo histórico
— A Igreja precisa promover comunidades de base como instrumentos que levem a superar a marginalização humana existente e como sinal do mistério de Cristo atuante hoje.

Informe de P. Nereu Meireles no Encontro Nacional de Opinião Pública
Rio de Janeiro-GB

O Ministério de Cristo e a Ação do Espírito Santo na Realização Progressiva do Reino de Deus, Têm na Igreja o Sinal de Salvação para Todos

CONVERGÊNCIA

é o que esta revista quer ser

Renove sua Assinatura

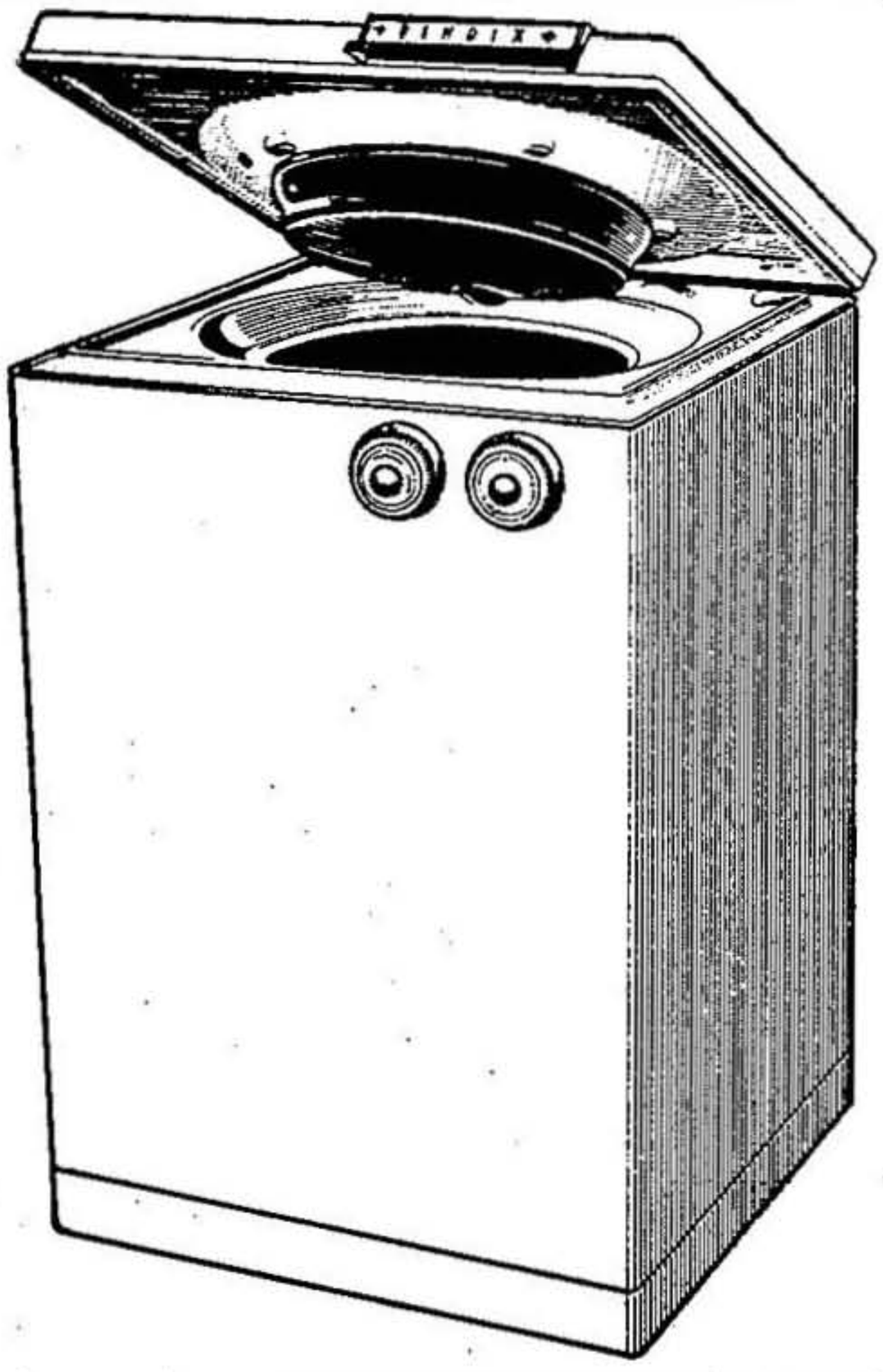
Av. Rio Branco, 123 / 10.º, Rio - GB

Compare a qualidade Bendix,

o preço, o acabamento e a durabilidade.

E escolha Economat.

Economat é Bendix!



À venda
na Conferência dos Religiosos do Brasil
Av. Rio Branco, 123 / 10.º andar Rio - GB

AGOSTINHO BEA

No dia 15 de novembro, com 87 anos, faleceu, em Roma, o grande propulsor do ecumenismo na Igreja Católica, Cardeal Agostinho Bea. Membro dos mais destacados do Concílio Ecumênico e uma das maiores figuras da Igreja contemporânea, nasceu êle na Alemanha, numa aldeia da Floresta Negra, em 1881. Aos 21 anos ingressava na Companhia de Jesus. Quase tôda a sua vida passou-a em Roma, lecionando Exegese Bíblica na Universidade Gregoriana, de 1923 até 1959, e sendo nomeado Reitor do Instituto Bíblico, em 1930.

Muito acatado e consultado pelos três últimos Papas, foi um dos inspiradores da encíclica **Divino Afflante** (1943) e da constituição **Christus Dominus** (1953) de Pio XII, de quem foi confessor particular. Em 1959, João XXIII nomeou-o cardeal, sendo depois encarregado de organizar o Secretariado para a União dos Cristãos (1961). Apesar dos seus 80 anos de idade, diz Dom Olivier Rousseau, "êle soube mostrar, na realização dêste ofício, o ardor e a abertura de espírito de um jovem. Estava sempre a par de todos os estudos e iniciativas mais recentes. O grande equilíbrio de seu pensamento não se chocava com a audácia de suas posições e a coragem de seus atos".

Entretanto, os mais expressivos elogios e juízos sôbre a pessoa do Cardeal Bea foram dados pelos próprios irmãos não-católicos e não-cristãos. Por ocasião do Encontro Ecumênico de Genebra (18-2-65), quando foi criado o Comitê Misto do Conselho Mundial das Igrejas e da Igreja Católica, assim se exprimia o Pastor Boegner, Presidente de honra da Federação Protestante da França:

"Direi, a respeito do acontecimento histórico que foi a criação do Comitê Misto, que êle (Cardeal) é o arremate de um imenso labor e o ponto de partida de algo completamente nôvo a ser realizado... Direi, com simplicidade, Eminência, que isto é em grande parte obra sua, obra de sua direção no Secretariado para a União dos Cristãos. Obra de sua perfeita lealdade em promover a unidade de todos, com sabedoria, amor fraterno, respeito de todos e tato espiritual que nos comove profundamente. Porque, onde quer que vá, V. Em.ª é, em si mesmo, um sinal do amor com que devemos nos amar uns aos outros. Diante disso apenas posso afirmar: o que é impossível aos homens certamente é possível a Deus, e a Deus tudo é possível".

Por sua vez, o atual Secretário-Geral do Conselho Ecumênico das Igrejas, Dr. Eugênio Carson Blake, ao saber da morte do Cardeal Bea, declarou: "Desaparece um eminente pioneiro, que se tinha tornado, durante a sua vida, o símbolo das aspirações unitárias que animam as Igrejas cristãs. Era um homem de grande generosidade, que sempre estava disposto a assumir responsabilidades arrojadas, superando às vêzes o que parece razoável, para favorecer a causa ecumênica. Estava animado por um espírito decidido e positivo e possuía em alta escala o dom da bondade. Durante o Concílio Vaticano II, a irradiação de sua personalidade sabia conquistar a todos. A fôrça da esperança o ajudou sempre a encontrar novos caminhos para superar obstáculos que pareciam invencíveis e que impediam uma manifestação mais completa da unidade de todo o Povo de Deus".

Também o Presidente do Comitê Hebraico Americano, Arthur Goldberg, em um telegrama enviado à Secretaria de Estado do Vaticano, afirma que os judeus lastimam a morte do Cardeal Bea, como uma perda pessoal de alguém ligado à reabilitação do povo judaico.

Por fim, o Prior da Comunidade de Taizé, Roger Schutz, dá seu testemunho: "Sete anos de diálogo com o caríssimo Cardeal Bea foram para mim uma alegria da mente e do coração. Sua obra contribuiu para abrir uma dimensão incalculável na consciência cristã, paralisada durante séculos pela oposição entre as Igrejas".

F. R. C.

2001

UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO

Filmografia de Stanley Kubrick (1928):

1955 — A morte passou por perto — Killer' kiss

1956 — O grande golpe — The killing

1957 — Glória feita de sangue — Path of glory

1958 — Guns up

1959 — Spartacus

1962 — Lolita

1964 — Doutor Fantástico — How I learned to stop worrying and love the bomb

1968 — 2001, uma odisséia no espaço — 2001, a space odyssey

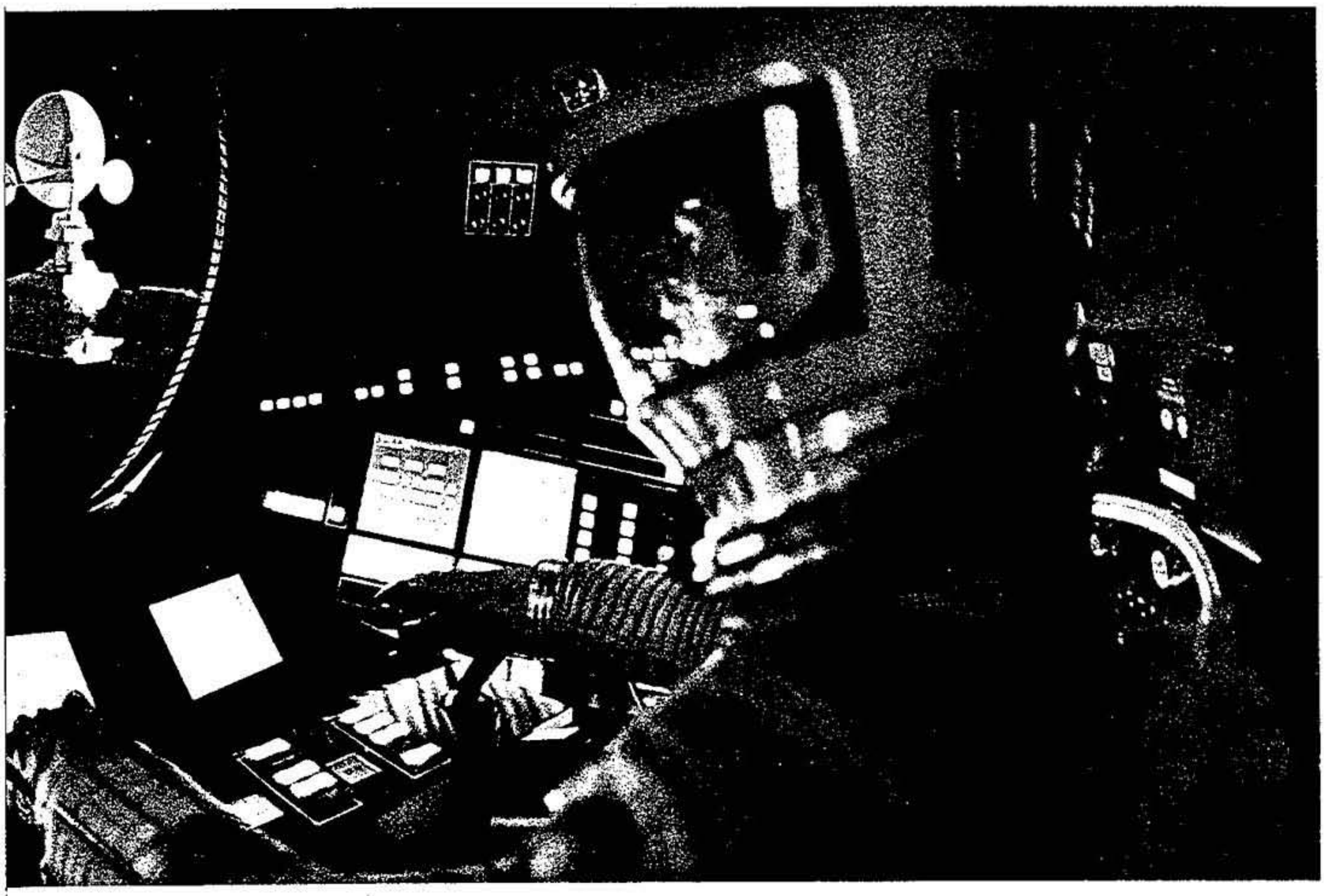
UM FILME DE S. KUBRICK

A levarmos em conta o otimismo de livros, revistas e jornas, o homem, a essa altura, já teria vencido a primeira etapa na conquista do espaço. É possível. Contudo, o que até agora se conseguiu de real está parecendo relativamente muito modesto. Mas, como matéria-prima de ficção científica, já é o suficiente para se escreverem livros e produzirem filmes.

Ora, qual é o valor real que pode existir nestes livros e filmes de ficção? Creio que a resposta só virá dos próprios acontecimentos. Só êstes poderão responder sim ou não a tudo que no momento a gente vai imaginando. O homem confronta-se com os espaços, cujos limites simplesmente desconhece.

Colombo velejava para as Índias. E nessa viagem encontrou a América. Quem poderá dizer que espécie de **América** o astronauta encontrará no espaço? Poderá ser uma **América** de fôrças cujos sinais ainda não foram captados e compreendidos aqui na terra.

O valor principal da ficção científica está na fantasia. Uma fantasia talvez convincente, com base na técnica já conquistada



e dominada. Em todo o caso, fantasia. Desde quando o cinema é cinema, fazem-se filmes de ficção científica. Em 1902, apareceu o filme de Georges Mèliès, **Viagem à lua.** Daí para cá, as telas suportaram muitos ataques de sêres do espaço e de naves espaciais. Neste gênero, que tem fama de superficialidade, o filme de G. Pall, **Destination moon**, ano de 1950, ocupa um lugar todo especial. É uma especulação séria sôbre as possibilidades da astronáutica.

Kubrick, o pessimista

A tônica de **Glória feita de sangue, Spartacus**, e **Doutor Fantástico** é própria de Stanley Kubrick. Para êle, um idealista, o mundo está perdido. O militarismo e, por último, a bomba atômica tornaram-se uma enorme farsa que, no entanto, poderão significar o fim do mundo. Nos filmes citados, Kubrick achou que não tinha levado bastante longe as suas afirmações. Tanto assim que a mensagem de **2001** é muito mais pessimista.

Quando a crítica cinematográfica se ocupa da ficção científica, é sinal de que esta se desvinculou de uma temática demasiadamente futurista. E, de fato, a ficção científica vem se preocupando atualmente com o que pode acontecer amanhã ou depois de amanhã. Amanhã ou depois de amanhã, pois afinal, trinta e três anos são um nadinha na história da humanidade. Godard e Truffaut, diretores respectivamente de **Alphaville** e de **Fahrenheit 451**, ambos focalizaram a metópole de amanhã e escolheram a ficção científica sociológica. Stanley Kubrick, porém, auxiliado por Arthur Clark, preferiu a astronáutica e suas construções tecnológicas. Arthur Clark é o autor inglês superpremiado por uns quarenta livros escritos sôbre o assunto. Para a elaboração estritamente técnica do filme, as companhias americanas ANAE, NASA e IBM, puseram seus técnicos à disposição.

O enrêdo

Descobre-se na lua, já explorada, um objeto estranho. Uma espécie de marco. Um monolito retangular e liso. O objeto parece orientado para Júpiter e emite sinais. Por isso uma expedição resolve tomar o rumo do planêta Júpiter, porquanto os sinais acusam lá a existência de sêres inteligentes. A aeronave é dirigida pelo cérebro eletrônico Hal 9.000 (pronuncie **hell**, hell significa inferno!) Hall 9.000 é capaz de falar, de pensar e agir. Clark atribui-lhe até sentimento. Isso achei um exagêro, mas vá lá. O cérebro atua independente. Ora, com mêdo dêle, mêdo de um possível êrro, os dois astronautas decidem destruí-lo. O cérebro lhes percebe o plano e faz com que os dois saiam para fora da aeronave. Um dêles, entretanto, conseguindo entrar de volta, destrói o cérebro. Agora, o monolito aparece avançando pelo espaço extragaláxico. A nave mergulha em meio a luzes multicores. Sôbre um planêta, tempo e espaço se confundem. Será Júpiter? Aproximando-se, o astronauta tem uma visão. Após a orgia de côres, movimentos e sons, encontra-se em um quarto mobililiado no estilo Luís XV. O astronauta envelhece a olhos vistos. Contudo sua morte não significa o fim. Êle se dissolve e reaparece como criança, como

com olhos enormes, é uma criança entre a lua e a terra olhando o universo. seria a promessa de um nôvo ser humano?

um monolito... há uma influência transcendental na história da humanidade

um feto, numa bôlha de sabão. Com olhos enormes, é uma criança entre a lua e a terra olhando o Universo. Seria a promessa de um renascimento? de um nôvo ser humano? O livro de Clark, **Childhood's end**, parece afirmar isto.

Apesar de tudo, com os os dois pés no chão

O tema central do filme é o encontro com outras inteligências fora do sistema solar. Entretanto, além dêsse, um outro tema se apresenta bem mais vasto: uma influência transcendental na história da humanidade. Seria Deus? Seria um Ser Supremo? O monolito lembra um pouco as **tábuas de Moisés**, a lei de Deus "inscrita no coração dos homens". O filme, porém, não se pronuncia a respeito.

Em todo caso, a transcendência já se faz sentir. O monolito já está ali presente. Retangular, seus ângulos são revistados pelos macacos que disputam um bebedouro com outra malta de macacos. Ângulo e retângulo são noções geométricas, sinais do pensamento humano. Um pensamento que foi dirigido para a destruição: depois de matar companheiros da mesma espécie, o braço peludo de um macaco vai arremessando para o ar o osso que lhe servira de arma. Filmada em câmara lenta, a cena é uma visão sinistra e horripilante. Os macacos tornam-se agressivos e poderosos. Matam-se uns aos outros. De herbívoros passam a carnívoros. Seria uma síntese dos primeiros capítulos da Bíblia? Que ligação poderia haver com a estória de Caim e Abel? Aí está o pessimismo de Stanley Kubrick.

A cena do braço peludo arremessando o osso é a transição para a segunda parte do filme que começa com a aeronave deslizando no Universo ao som de **Danúbio Azul**. Contrastando com o estilo empregado em **Doutor Fantástico**, aqui Kubrick evita a sátira. Tudo é muito sério, muito grave. Grave, particularmente no terceiro tema: se o hòmem perder o domínio sôbre o cérebro eletrônico, de duas uma — ou êle regredirá infalìvelmente ao estado primitivo de destruir por destruir, ou deverá conformar-se com a escravidão de um refinamento técnico que lhe cresceu acima da cabeça.

Desta estória bastante magra, Stanley Kubrick soube, sem a menor dúvida, tirar todo o proveito. É a riqueza imponente das imagens, da técnica eletrônica e da navegação astronáutica. Técnica e super-higiene estão aí em suas formas rígidas, em linhas que criam uma nova estética industrial. Mas a única mancha em tudo isso é o próprio homem. Aliás, de cá para lá, êle não terá mudado grande coisa. Seus contatos, de pessoa a pessoa, continuarão convencionais: será sempre a mesma coisa de cantar "parabéns prá você". A indumentária quase não mudará. Para as mulheres, a moda continuará míni. E elas continuarão sem papel importante nos empreendimentos. E não se toca em amor. Os homens usarão camisas da mesma côr terno. A gravata será substituída por um broche. E tudo será só isso.

Não obstante, embora esteja fora do sistema solar, Stanley Kubrick continua com os pés no chão desta terra.

GUIDO LOGGER

FOTOGRAFIA E CINEMA

A imagem fotográfica é um dos meios de comunicação mais importantes de nossa época. É tão expressiva e vigorosa quanto a palavra impressa e tem, talvez, efeito mais permanente pela natureza do seu impacto puramente visual... a imagem fotográfica desperta nossos sentidos e constantemente amplia nossa visão do mundo.

Não podemos ignorar a linguagem dos homens do nosso tempo. A realidade das coisas é atingida através da imagem e do som. Negligenciar isso é distanciar-se ainda mais da realidade. É criar barreiras para a mensagem cristã. E quantos cristãos choram, por exemplo, diante de filmes medíocres e escandalizam-se com o que tem valor!

1

2

3

Deus e o Demônio na Literatura Brasileira: Angústia e Ressurreição

Dizia Cornélio Pena que, em matéria de literatura brasileira, no começo era o nada, depois apareceu Machado, depois foi o nada outra vez. Podemos contestar-lhe evidentemente que, depois, houve Cornélio, o introvertido. Claro que a palavra de Cornélio se queria referir à pouca densidade da literatura brasileira.

Uma literatura mais superficial que profunda. É curioso que um país de formação católica não tenha uma literatura católica, densamente católica, pròpriamente católica. Considero a poesia. Vejo a figura trágica de Junqueira Freire, êsse poeta baudelaireano antes de Baudelaire, que morre aos vinte e dois anos, monge **défroqué**, desesperado, neurótico, autor das **Inspirações do Claustro**, pura dilaceração. Junqueira é uma contradição patética. O nosso primeiro satanista. Um místico e um erótico. Um monge que lia Voltaire. Uma poesia marcada por Deus e o demônio, fragílimo Junqueira, **tropo** humano, anjo rebelde, pássaro noturno, como lhe chamou José Lins. E quem mais?

Fagundes escreve o **Cântico do Calvário**, mas aquilo é muito convencional, embora autêntico, sincero. Deus, cristianismo, catolicismo, temas espirituais, tudo isso aparece ao longo da história de nossa poesia, mas sem a marca profunda da experiência pessoal. Tome-se Alphonsus. Temos que considerar Alphonsus um poeta católico. Um grande poeta simbolista, de temática mística prevalentemente. Mas uma experiência religiosa muito limitada, precária, convencional, elementar, de superfície. Muito sentimental. Devocional. Apesar de tôda a intensidade da poesia de Alphonsus, não consegue êle, de fato, libertar-se de um devocionismo vulgar que era a atmosfera da sua formação. Há um sentimento cristão. Não há vigor cristão, maturidade, densidade.

Abro uma exceção para Severiano de Rezende e José Albano. Fragmentos, é verdade, mas de grande altura. Saliento o poema longo a Lúcifer, do livro **Mistério**, publicado por Severiano de Rezende, em 1920. A **Comédia Angélica**, de José Albano, editada em **Rimas**, é também muito densa. São dramas análogos ao de Junqueira: A mesma sombra da loucura. Quem é Severiano? Um **défroqué**, com fé religiosa e até vida mística. E quem é Albano? Um louco, um vagabundo, um humanista perdido, que vive em Paris, como um quase pária, um fantasma.

Junqueira, Severiano e José Albano, antes do modernismo. Com a libertação do modernismo, Jorge de Lima e Murilo Mendes, convertidos ao catolicismo e grandes poetas. Eis a novidade. Jorge e Murilo têm

1 Jorge de Lima
2 Murilo Mendes
3 A. F. Schmidt

uma intimidade bíblica, litúrgica, teológica — existencialmente cristã — que confere aos seus poemas um frêmito, uma fôrça, uma gravidade, uma densidade que não havia antes. Uma data: 1935, a da publicação de **Tempo e Eternidade**, o livro dos dois, em colaboração, com o declarado objetivo de restaurar a poesia no Cristo. Jorge vinha do parnasianismo e, depois, do falclorismo e da poesia negra e social nordestina para o gongorismo de **Invenção de Orfeu**, seu canto geral, seu cancioneiro, sua cosmogonia. **Tempo e Eternidade, Túnica Inconsútil, Anunciação e Encontro de Mira-Celi** documentam a densidade católica do poeta, Angústia e Graça. **Em Invenção oe Orfeu**, deparamos a síntese do telúrico e do universal, do primitivo e do transcendente, do autor de **Calunga** e de **Anjo**. Se Jorge recebeu a influência do surrealismo, se o seu romance **O Anjo** é surrealista, Murilo veio literalmente do surrealismo para a plenitude pacificada de **Contemplação de Ouro Prêto**. Murilo é um católico surrealista. Sua poesia compreende uma fase epigramática, uma criptográfica e uma teocêntrica, de tendência apocalíptica, escatológica. Entre Deus e a mulher, o poeta oscila. Êsses dois apelos estão no centro da poesia de Murilo. E é pela tentação da mulher que o demônio surge em sua poesia. Mas justamente através da mulher, do encontro com a mulher, viria para o poeta a grande pacificação, ainda que precária: Maria da Saudade, portuguêsa e poetisa, o reconcilia com a vida, o relaciona com a poesia portuguêsa, o lirismo português, sobretudo Camões. O seu livro em prosa **O Discípulo de Emaús**, da vertente de Patmoe Coventry, já prenunciava as suas Memórias, tão surrealistas, **A Idade do Serrote.**

Com Jorge e Murilo, Deus entra em cheio na poesia do Brasil. **Au grand complet.** Liturgia, Bíblia, versículos e versículos, teogonia, visão mística em profundidade. Dêles seriam herdeiros Alphonsus de Guimaraens, Maria Isabel. E Schmidt? Ninguém falou mais de Deus na poesia brasileira do que o neo-romântico Augusto Frederico Schmidt. Poeta bíblico, influenciado sobretudo por Péguy e também Claudel. Num de seus livros finais, **Babilônia**, coletânea de sonetos em Nova Iorque, quando embaixador da ONU, aparece uma estranha personagem, vaga, difusa, **El Frangor**, que é apenas o demônio. **El Frangor** é o Tentador, o livro é uma espécie de biografia espiritual de Jaime Ovalle em Nova Iorque, o místico boêmio, tão íntimo de Schmidt, figura sutil, que de fato viveu e trabalhou em Nova Iorque. Ser surrealista, beberrão, Ovalle inspira ao Schmidt um longo e dramático desafio à cidade monumental, absorvente. "Não, não me vencerás"... Há uma esparsa e comovente beleza na obra schmidtiana, sobretudo nas invocações. Schmidt foi o dilacerado poeta da morte. A noite, o mar, a solidão, a morte, o amor. Pessoalmente, como diz no **Galo Branco**, de 1948, não tinha fé religiosa. Mas a atmosfera de sua poesia é cristã, católica. Ninguém mais sensível à caducidade, ao efêmero, ao vazio, à fragilidade do humano, do prazer, de tudo. Ninguém pessoalmente mais ambicioso, mais sequioso de tudo. Essa contradição o dilacerou. O poeta foi um ser dividido. Podem afirmar que sua poesia é explicativa, que se repetiu muito, que seus recursos formais eram pobres, monótonos. Sua poesia trágica nos comove.

E a prosa?

O fenômeno é paralelo. Veja-se, por exemplo, a figura do padre. Antes, a figura do padre aparece no romance brasileiro em têrmos naturalistas, superficiais, convencionais, o padre numa perspectiva banal, vulgar, linear, o padre em José de Alencar, em Aluísio Azevedo, em

RENOVAÇÃO: VOLTA ÀS FONTES E PROSPECTIVA

"À LUZ DO CONCÍLIO VATICANO II E DA REALIDADE LATINO-AMERICANA"

Pedidos à sede da CRB: Av. Rio Branco, 123 10.º andar - (GB)

Júlio Ribeiro, em Inglês de Souza. O fenômeno é típico em Inglês de Souza, **O Missionário.** Pura visão exterior, naturalista. Como, aliás, se repetiria recentemente em Peregrino Júnior, que retomou o tema de Inglês de Souza em **A Mata Submersa.**

A novidade da obra de Machado é a passagem da paisagem para o mundo interior, do homem exterior para o homem psicológico e abissal. Machado é o primado da psicologia, da introspecção, da introversão. Machado é um proustiano antes de Proust. Um bergsoniano antes de Bergson. O analista. O homem da dissociação da personalidade (pirandeliana). O romancista da pesquisa interior. O tempo. Não a natureza física. Mas o padre, Deus, os valores espirituais em Machado são ainda muito estereotipados ou circunstanciais ou de um tempo e um espaço. O Rio imperial. O puro clima do Segundo Reinado. A religião tradicional e festeira. O que o salva é a crispada visão pascaliana, profética, veterotestamentária, da miséria humana, do nada. O cochicho do nada. O pessimismo o leva ao humorismo. É um pessimismo conatural ao Antigo Testamento, a Sterne, a Xavier de Maistre, a Pascal. Seu livro capital são as **Memórias Póstumas de Brás Cubas**: humor. Mas humor crispado, tenso. Prefiro as **Memórias** a **Dom Casmurro.**

Mas é com Octávio de Faria que o padre e o demônio entram na literatura de prosa no Brasil. O padre como padre. E não com ser anedótico. O demônio como fôrça profunda, e não como peça folclórica. Veja padre Luís em **Mundos Mortos.** O conflito entre a carne e o espírito. Qual em essência o tema da obra de Octávio de Faria? O duelo entre o bem e o mal. O romancista possui a obsessão desta antinomia. A tensão de tal binômio é o cerne da sua obra. Pode-se dizer tudo de Octávio de Faria, que escreve como um ensaísta, que não tem estilo literário de romancista, que é quase um maniqueu, que o jansenismo o marcou, que há trechos e trechos enfadonhos, mas não se pode negar a fôrça dramática de sua obra cíclica, mesmo se considerarmos que ela tem um quê de artificial. Crítica da buguesia: levantamento social e dissecção psicológica. Mas sobretudo penetração psicológica de um processo social que em Octávio se transforma em abissal realidade. O tema da adolescência, o da pureza impossível, como o tema do sacerdócio, o da loucura, o da decadência social, eis os mundos mortos, os caminhos da vida, o lôdo das ruas, que êsse espírito atormentado, trágico, perscruta, os enegados, os solitários, os anjos de pedra, sob o signo do Senhor do Mundo.

Que é Deus para Junqueira? O Deus vingador, implacável, juiz, severidade, castigo, inexorabilidade, muito mais um Deus de justiça, numa linha de temor. Que é Deus, para Jorge e Murilo? Uma plenitude amorosa, lúdica. Um dançarino que sôbre o abismo do tempo constrói sutilmente, imperceptìvelmente, a misteriosa e lenta sinfonia do amor, a sua dança, o seu puro enigma, sendo amor substancial e subsistente, redentor. Murilo e Jorge nos propõem uma redenção total operada pelo amor e a operar-se pelo amor e no amor. Que é Deus na obra de Octávio? O Absoluto. A exigência de uma pureza total. Deus é a pureza total. O homem é a impureza. Deus é um gládio. É a ascensão em duelo com a abjeção. Abjeção, degradação, miséria, isso domina o mural dramático de Octávio. Não a miséria metafísica ou abstrata ou ontológica, na linha de Machado, mais metafísico que moralista. Mas a miséria moral. Porque tudo em Octávio é ética, problemas de ordem moral, julgamento. A angústia existencial mistura-se nêle aos temas éticos, aos desafios concretos e precisos da realidade moral. Qual a sua linhagem? Nem Bernanos, nem Mauriac, nem Julien Green. Em Bernanos, o natural e o sobrenatural se entrelaçam de tal modo que não os podemos separar. São uma só realidade, uma só vida, única. Mauriac é um proustiano. Eu aproximaria, sob o aspecto da problemática, o nosso Octávio de um Graham Greene, que é por excelência um moralista. Mauriac é um psicólogo.

Que é o mal na perspectiva de Octávio? Será a carência de um bem devido (exatamente como a filosofia aristotélica-tomista define o mal)? Não, é o mal moral. É o mal-impureza. Estamos em pleno círculo do pecado.

Já discípulo de Julien Green é Cornélio Pena. Chegamos aos realistas simbólicos: Cornélio Pena, Adonias Filho, Clarice Lispector, Lúcio Cardoso, Ascendino Leite. Autores fluídicos. Introspectivistas. Cornélio nos põe o problema das relações entre romance e mística. Há tôda uma atmosfera mística em seus quatro romances, lentos e profundos. Mistério. Êsse grande criador de atmosferas, êsse mago, êsse homem-antiquário, êsse neurótico pintor e desenhista nos dá um mundo preternatural, muito mais que sobrenatural, uma criação estranha, sombria, misteriosa, entre a loucura e a santidade. **Fronteira**, seu livro de estréia, de 1935, define-lhe a obra: fronteira tão imprecisa entre a sanidade e a loucura, entre a santidade e a morbidez, entre a vida e a morte, entre o sonho e a realidade, entre o sobrenatural e o natural. O romance de Cornélio não é cristão, formalmente. Cornélio, embora católico, e com um agudo problema religioso, não é o que podemos chamar um romancista católico. O seu mundo é o do estranho, do impreciso, do

OCTAVIO DE FARIA

vago, do nebuloso, da fluidez. Já em **A Menina Morta**, de 1954, há uma vitória do romancista sôbre o analista: o maior dos seus romances, o derradeiro, apresenta-nos um quadro social, uma dimensão social, a par da grande introversão, que lhe é peculiar e permanente.

Em Lúcio Cardoso, a evolução é oposta: estréia com **Maleita**, em 1934, que é social, e vai passando para o romance psicológico, depois de **Salgueiro** (que é realista), através da transição de **Luz no Subsolo**. Até chegar à pura viscosidade — deprimente — de **A Crônica da Casa Assassinada**, seu último e genial romance. Tragédia absoluta. Tragédia em estado de pureza. E a grande sombra misteriosa de Deus a pairar sôbre a loucura e a desolação violenta. E como não lembrar o **Enfeitiçado**, que é o demônio? E a novela **O Anfiteatro**? Que dramaticidade perturbadora! Lúcio é farfalhantemente literário, excessivamente literário, mas que novelista poderoso, humano, denso! O seu supra-realismo é um instante capital da história de uma literatura de densidade no Brasil.

E chegamos a Guimarães Rosa. Há uma demonologia e uma teologia na obra rebuscada, hermética, de Rosa. E sobretudo em **Grande Sertão**. O diálogo conflitual Riobaldo-Diadorim é demonológico. Diadorim, com sua ambigüidade, é um ser demoníaco. Eu penso em **Monsieur Oiune, Oui-Non**, de Bernanos, sim-não, a identificação dos contrários, a total extrapolação, a extralimitação de valores, a ambigüidade, de que Machado fôra um precursor. **Isso é aquilo**, como no poema demoníaco de Drumond. Vejo um demonismo esparso na obra de Rosa, como na poesia mais recente de Carlos Drumond. A equivalência dos contrários. A unidade dos contrários, **coincidentia oppositorum**. O bem é o mal. O mal é o bem. Tudo se dilui. Tudo se confunde. Há uma dimensão estranha e nova. Um sôpro. Deus e o demo dão à prosa translógica de Rosa um sentido escatológico.

ANTÔNIO CARLOS VILLAÇA

LÚCIO CARDOSO

GUIMARÃES ROSA

ESTANTE DE LIVROS

História Bíblica para nossos dias — Stefan Paul Andres — Tradução de Ataliba Nogueira Júnior — Ilustrações de Gerhard Oberländer. Melhoramentos — São Paulo, 1968. 460 págs. ilustr. 102 lâms. cols. maps 23 cm.

Estilo maravilhoso. Tradução primorosa. Edição tipográfica das mais requintadas. Mas conteúdo falacioso, a despeito da belíssima intenção do autor expressa com louvável sinceridade no Epílogo (que faz a função de Prólogo). As próprias palavras do autor fazem mais uma vez lembrar as remotas e recentes disputas entre exegetas e romancistas com relação à Bíblia, e o resultado da obra, apesar de tôda a sua sedutora aparência, confirma uma vez mais que a humildade do intérprete sobrepuja o gênio dos poetas e escritores para pôr em relêvo a mensagem perene da história da salvação. Tanto mais que os leitores de nossos dias, adeptos de "uma linguagem louçã, singela e natural", não deixam de exigir uma alta dose de senso crítico para que se possa avaliar a variada densidade histórica dos relatos da Bíblia. O que o autor não soube ou não quis dar. Por isso, ao término da leitura, ainda com o espírito extasiado pela beleza do estilo e pela doçura do ritmo literário que se desprendem de cada uma das 460 páginas do livro, o leitor sente o travo amargo da decepção, sem capacidade de avaliar se o que acabou de ler é a grande e maravilhosa história verídica da salvação dos homens operada por Deus através de Jesus Cristo, ou se se trata de mais uma dessas fantasias inconsistentes do espírito humano. Pois mesmo ao tratar da matéria enquanto romancista — e o autor é o emérito romancista de fama internacional, e com grande mérito — havia obrigação de levar em conta um mínimo de exigência de fidelidade histórica. Ora, até êsse mínimo falta na obra de Stefan Paul Andres, haja vista o constante equívoco nas mais comezinhas menções geográficas ou nas mais simples alusões à história universal da época (sem mencionar o arbitrário nas formas dos nomes próprios de pessoas e lugares). O leitor de nossos dias, no que concerne à Bíblia, exige mais do que o autor ofereceu, a despeito do seu reconhecido valor de escritor. O que se pode esperar é que, com o travo da decepção, os leitores procurem na própria Bíblia o que a adaptação novelística foi incapaz de dar. Aí então tudo estaria salvo. Mas ainda aqui, sem sermos pessimistas, colocamos um grande ponto de interrogação.

FREI MARTINHO PENIDO BURNIER, O. P.

A pobreza do leigo — Ivan Gobry — Edições Paulinas, São Paulo, 1967.

O livro de Gobry, recentemente lançado pelas Edições Paulinas, é um depoimento bastante válido, pela autenticidade e coragem com que o autor aborda o problema da "pobreza" do leigo, imerso num mundo extremamente rico para uns poucos e tremendamente pobre para a maioria. O assunto é tratado com simplicidade. E o enfoque é muito mais centrado sôbre a pobreza pessoal do leigo do que sôbre a pobreza das massas que clama, não por "caridade", por "esmolas", mas por **justiça.**

Duas partes dividem o livro: a pobreza libertadora e a pobreza redentora. A primeira insiste sôbre o necessário desapêgo aos bens como condição evangélica para o crescimento na vida espiritual. A pobreza não se limita às questões de dinheiro. É tomada como atitude interior profunda. E que se traduz em gestos concretos. É a pobreza como a encara a espiritualidade franciscana.

A segunda parte é mais um comentário da palavra de São Paulo: "Somos considerados como nada tendo, e possuindo tudo". Pobreza bastante ligada à generosidade divina. São dois aspectos complementares da pobreza, que é uma realidade una: despojamento e generosidade vão juntos.

A segunda parte do livro é bem mais importante do que a primeira, porque aborda problemas concretos de maior interêsse para os leigos, entra nos detalhes dos problemas cotidianos do cristão: o trabalho profissional, a vida de família, a esmola, a participação na vida da Igreja, etc. Enfim, o autor mostra que a pobreza do cristão implica uma espécie de dialética: êle se desapega, se despoja; mas é para conquistar a necessária libertação que a obra redentora de "consagração do mundo" a Deus exige.

HÍLTON F. JAPIASSU

Dá-me a paz dos estábulos — dizia eu a Deus — a paz das coisas em ordem, das colheitas terminadas. Deixa-me ser, tendo atingido os cumes do vir-a-ser. Estou cansado dos lutos do meu coração, estou sob o pêso de tesouros inúteis, como de uma música que jamais será surpreendida.

Antoine de Saint-Exupery (As mais belas orações de todos os tempos).

BENS TEMPORAIS NUMA IGREJA POBRE

Pe. Raimundo Caramuru de Barros,

Pe. Joseph Romer

Frei Bernardino Leers, OFM

Pe. Jaime Snoek, CSSR

Coleção "Novos Caminhos" — 3 Ed. Vozes, 1968.

Páginas corajosas que obrigam a refletir. A realidade brasileira, mais que qualquer outra, exige um testemunho: o testemunho de uma Igreja a serviço, de uma Igreja não desossada mas encarnada. Êste serviço supõe, como qualquer serviço autêntico, um despojamento. Qual o verdadeiro sentido dos bens temporais à luz do Evangelho, da Teologia e do Concílio? Os bens temporais da Igreja são testemunho ou contratestemunho? As perguntas são encaradas de frente, sem demagogias baratas, fria e objetivamente. O Concílio mostrou pistas, mas não apresentou soluções. E êste livrinho tampouco tem pretensão de indicar soluções.

Na primeira parte, depois de uma análise da situação, em que se examinam as principais fontes de recursos da Igreja, a administração e a aplicação dêstes recursos, o Pe. Caramuru indica, em páginas densas de conteúdo teológico-pastoral, algumas opções fundamentais em relação aos bens temporais, na sua tríplice relação com o mistério do homem e o mistério de Cristo, com a sacramentalidade da Igreja e com a renovação integrada da ação pastoral, e finaliza mostrando algumas pistas e perspectivas de ação. Na segunda parte, os três outros autores nos oferecem subsídios de reflexões, bíblicas e teológicas, sôbre os bens temporais da Igreja e examinam a situação econômica do Brasil à luz dêstes princípios, reassumidos com realismo e coragem na constituição pastoral **Gaudium et Spes.**

Um livro que merece ser lido e meditado. E sobretudo vivido.

P.A.C.D'A.

A Igreja e o Progresso — Christian Duquoc — Livraria Duas Cidades — São Paulo, 1968.

Neste livro, o autor analisa as relações entre a Igreja e o mundo em bases novas: para dialogar com o mundo a Igreja escolheu o progresso. No século passado o progresso foi uma palavra-chave. Resumia tôdas as aspirações humanas despertadas pelas descobertas científicas. A palavra envelheceu. Os ideais de progresso continuaram. E a Igreja, durante muito tempo, mostrou-se reticente e desconfiada em relação aos movimentos do pensamento moderno. Entretanto, hoje, ela assume uma atitude profundamente compreensiva. A ponto de tomar o progresso, e sobretudo, o desenvolvimento, como condição de encontro ou reencontro com o mundo, reconhecendo seus valores e não se deixando dominar pelos caducos e ultrapassados.

A análise do livro é feita num clima de sincero exame de consciência. Se há conflitos e tensões, não são explicados por falsas razões transcendentes, mas pelas condições humanas e história da Igreja. Ao descrever as relações entre a Igreja e o progresso, o autor explica o próprio devir do homem. Não pretende fazer apologia da Igreja. Nem quer justificar sua verdade ou utilidade dentro da sociedade humana, "apresentando-a como um fator histórico de progresso". Expõe os fatos. Não faz balanço positivo ou negativo. Não prova uma tese favorável à Igreja. Parte de uma constatação: "a história do mundo ocidental é, em grande parte, a história do melhoramento das condições objetivas das relações "sociais", na ordem do saber e na ordem do direito". E mostra que a história do Ocidente está ligada à história da Igreja, embora o papel desta tenha sido bastante contestado. Ela foi vista como uma fôrça conservadora, inimiga do progresso, da ciência, porque "mascarava com uma autoridade divina reações mesquinhamente humanas": Inquisição, condenação de Galileu, apoio aos partidos e ideologias conservadoras, etc.

Descrevendo uma situação de fato, o autor mostra como os cristãos sofrem ao ver a Igreja como obstáculo à plena realização do homem como construtor do mundo. Surgem nêles muitas questões. Mas não são respondidas com os **a priori teológicos.** O próprio desenrolar da Igreja no mundo já é significativo. Trata-se de explicitar o sentido dêste devir. Se nenhuma solução é dada, o livro apresenta

enorme material de reflexão sôbre uma história dolorosa no passado, mas à qual **Pacem in Terris** e o Concílio abriram perspectivas novas e esperançosas. E hoje, uma certeza se nos impõe: "o mundo e a Igreja são tão profundamente interligados em seu vir-a-ser que a humanização de um tem repercussões imediatas sôbre a fidelidade do outro à sua vocação própria". Daqui por diante, ambos não se ignorarão. Mas também não se absorverão. Jamais podemos pensar numa Igreja confiscando o mundo para seu poder e glória. Redescobrindo o mundo, reencontrou a exigência evangélica que a define e requer do mundo a autenticidade de seus valores humanos.

HÍLTON FERREIRA
JAPIASSU

As mais belas Orações de todos os Tempos

Seleção e tradução de Rose Marie Muraro e frei Raymundo de Almeida Cintra. Prefácio de Alceu Amoroso Lima.

Senhor de tôdas as nações,
ó Jesus,
que reconciliastes os pecadores com o Pai,
concedei a todos,
a cada um dos membros da família humana
todos os dons desejados,
que a vossa luz expulse dos espíritos a treva do êrro,
purifique o fundo dos corações,
ilumine, para cada um, o caminho de sua própria vocação,
suscite no mundo inteiro uma vontade ardente
de justiça,
de caridade,
de paz...

João XXIII

A Vida Religiosa no Brasil de Hoje

Texto-base da VIII Assembléia Geral da CRB

Pedidos:

Av. Rio Branco, 123 / 10.º andar Rio / GB